ÓRGÃO DO
CENTRO CULTURAL
«EUCLIDES DA CUNHA»

Tapejara

EDITADO PELA
«MACONTIPO»
GRÁFICA ALVES PEREIRA

DIRETOR
FARIS ANTONIOS. MICHALE

PONTA GROSSA — ESTADO DO PARANÁ

SECRETÁRIO
GILSON MONTEIRO CORDEIRO

ANO XX — Ponta Grossa — Dezembro de 1970 — N.º 23

«Tapejara», a voz do Brasil interior

Muitas inverdades se tem falado a respeito do caboclo brasileiro.

Uns, os mais céticos, o têm por irremediavelmente perdido, por nele enxergarem mais defeitos que virtudes; outros, já mais transigentes, não lhe negam uma que outra participação positiva, no conjunto da nossa História; outros ainda, mais supostamente em dia com as ciências do homem, lhe reservam respeitável atenção, mas como simples "teleguiado", isto é, subordinado às pré-excelências da raça "superior", dos colonos, conquistadores e ditos civilizados: mas felizmente, há aquela minoria objetiva, pertinaz e esclarecida, que não vacila em valorizá-lo, em si e por si, sem alheias injunções ou inspirações.

É que o Brasil já se sente suficientemente amadurecido, experimentado e compenetrado do papel realmente grandioso que logo começará a desempenhar, internacionalmente falando.

Disse, recentemente, o eminente Gilberto Freyre: "O nosso futuro de grande Potência é palpável, tocamo-lo com o dedo"... E o providencial Presidente Médici:" O país está em disparada e ninguém mais o segura" Ora, é significativo que, numa conjuntura como a presente, quando tantos mais brasileiros procuram denegrir-nos lá fora; quando não raralam os que, por bem ou por mal buscam, fanàticamente, a solução dos nossos problemas, através de superadas fórmulas ideologicas de séculos anteriores; quando, finalmente, o despudor se apossa, soberano, da literatura, das relações humanas e da própria vida de familia, de civilizadíssimos povos, é significativo, dizíamos, que haja ainda tanto brasileiro de prol, que esteja ENXERGANDO êsse futuro de glórias, ou sentido mais humano e positivo do vocábulo.

Querels saber por que, quase simultâneamente, um sociólogo e um estadista nos proporcionam tão belo exemplo de otimismo, bom senso e generosa demonstração de civismo e cultura? Que motivo os leva a assim se pronunciarem, qual a qual mais destemido e realista, quando tantos são os céticos, os omissos e os auto-suficientes neste imenso Continente, que é o Brasil?

Queremos crer que semelhante atitude tenha brotado, antes que de inconsistente lirismo patriótico, ou de simples desejo de centralizar as atenções em determinados aspectos materiais do momento nacional, com mais razão, de verdadeiras raízes histórico-culturais, de intuidiveis intuições da nossa predestinação cósmica, enfim, de integral identificação com a nossa conduta, tanto no plano coletivo como no individual.

Este país prodigioso, que sempre existiu (pois, os próprios indígenas já tinham idéia da sua conformação continental, dizem Coretzão, Taunay, Calmon, Capistrano, Bonfim e outros); que soube tão bem preservar as suas fronteiras, tradições e ideais de fraternidade e progresso em todos os sentidos; que nunca apoiou ou aprovou usurpações, domínios ou injustiças de qualquer espécie; não poderia deixar de manifestar-se, através da palavra de dois filhos, tão representativos do mundo civil e do militar.

Com efeito, Gilberto, mais que qualquer outro, precisamente por ser êle o estudioso mais autêntico do nosso passado, da nossa palpue e das nossas criações, além de incontestável reabilitador dos brasileiros de sangue africano, está, por isso mesmo, mais credenciado a demonstrar-nos ou apontar-nos o advento da nova era. Ademais, sempre foi fiel à provincia, ao torrão nordestino, tão ligado à nasempre foi fiel à provincia, ao torrão nordestino, tão ligado à natureza rude porém querida dos trópicos, inimiga, por assim dizer, mas também insubstituível, porque ainda não tocada dos vícios e deformações de decadentes terras e lamentáveis populações.

Podemos divergir dêle em muitas coisas, muitos aspectos e muitos pormenores, mas, ninguém poderá negar-lhe essa acuidade típica, êsse amor ao passado glorioso do Brasil e êsse talento invulgar, que o fêz renovador dos estudos sociológicos, e mesmo históricos, entre nós.

Ainda recentemente, não escondeu a sua admiração ao antepassado indígena, ao considerá-lo METRE DE ECOLOGIA DE TODOS NÓS, aquêle a quem devemos apelar para conhecer melhor a relação homem-natureza, nunca devidamente interpretada pelos representantes do chamado branco ou civilizado.

Quanto ao Presidente Médici, as estão as suas afirmações, iniciativas e propósitos francamente revolucionários, no recomendável do têrmo. Em boa verdade, jamais tivemos alguém que tanto reunisse do messiânico e do realizador, sem derivar para a demagogia, o paternalismo tôrpe ou o caudilhismo mais absolutista ou desenfreado. Êsse gaúcho, que pode facilmente passar por estrangeiro, dado o tipo caucasóide que apresenta, é, no entanto, a mais genuina expressão do homem telúrico brasileiro, do que sabe intuir e valorizar os elementos da referida natureza e as criações que resultam da presença do homem, enfim, daquêle que vê, em cada palmo de chão e em cada ser humano, uma fonte de permanente reflexão e reverência, ou uma unidade digna de apôio e convergência de ações e intenções benéficas, de nossa parte.

É, portanto, o Presidente Médici, um continuador, em proporções imprevisíveis, daqueles outros ilustres patriotas militares: Caxias, Couto Magalhães, Floriano, Rondon e o próprio Euclides, pois ninguém ignora que o imortal estilista de "Os Sertões" era engenheiro militar, de boa formação positivista.

Pois, é, por tudo isso, que não pudemos deixar de aplaudir a criação da ACISO-70 (Ação Cívico-Social), para os Estados do Sul, empreendimento inspirado nessa VISÃO ECUMÊNICA da Pátria, mas, já agora, dizemos, a cavaleiro das demagogias, corrupções e primarismos de todo pórte, caracteristicos da fase anterior à tomada de consciência, que foi a Revolução de 64.

"Tapejara", como autêntico porta-voz do Brasil Interior, o Brasil jagunço, caboclo ou como quer que lhe chamem, e representando o Centro Cultural "Euclides da Cunha", também se allou à nobre cruzada, dirigida aos concidadãos da zona rural, com o fito de fazê-los participar, ao menos, de um mínimo de conforto, sem que se lhes fizesse caridade, porquanto, como bem disse o sociólogo americano Kalervo Oberg, "êles, os caboclos são o elemento mais precioso do Brasil", pois ainda representam a nossa reserva efetiva de moral, generosidade e apêgo incomparável ao solo pátrio.

Academia Paranaense de Letras

Profissão de fé, por motivo de minha posse, a 8 de outubro de 1970, na Cadeira n.o 20, cujo Patrono é o Jornalista ALBINO JOSE DA SILVA, ocupada, respectivamente, por JOSE NIEPCE DA SILVA e CIRO SILVA, sendo Presidente, o Professor Dr. Vasco José Taborda Ribas e Paraninfo, o senhor LEONARDO HENKE, "Principe dos Poetas do Paraná".

(Aos meus queridos PARENTES, AMIGOS e CONFRADES)

A gora, estou aqui ó nobre Academia,
C olégio perenal, que o Talento irradia!
A gora, estou aqui! venho vos ajudar;
D ai-me, pois, vossa mão e vamos trabalhar!
E scolhestes-me, eu sei, pela vossa bondade,
M ai grado a imperfeição dos meus versos... quem ha_de
I mpedir gesto assim?... ó nobres corações,
A judai-me, outra vez, dando-me condições!

P ossa mais venerar os patronos fecundos,
A quêles que se foram já, para outros mundos,
R ogo a êles, por nós, de todo o coração,
A judai-nos, também, com vossa Inspiração!
N ada se faz na terra, que o Céu não permita,
A sim diz o Evangelho, a tôda a gente aflita!
E spero merecer vosso crédito, agora,
N à mesma situação que m'o dêstes outrora.
S endo bem o menor, que importa?... há o que fazer,
E screver o que é bom e a beleza, escrever!

D izer num verso ideal, o que prega o Evangelho,
E ser do coração da gente, o próprio espêlho!

L ouvo aquêles a quem, aqui, substituo,
E les, meus guias serão! Da missão, não recuo.
T ida a vida, eu darei a essa tarefa ideal
R everenciando, sempre, esta Casa, afinal!
A gora, estou aqui! E o meu júbilo é imenso,
S ou vosso Irmão, também!

A esta Casa, pertenço!

Cordialmente
Francisco Pereira da Silva

(do Centro de Letras do Paraná, da Acedemia de Letras "José de Alencar, Instituto "Neo Pitagórico", Centros Culturais "Euclides da Cunha" e "Scharffenberg de Quadros", respectivamente, de Ponta Grossa e São José dos Pinhais).

R. Dr. Kelier, 555 — Caixa postal n.o 2475 — Curitiba — Pr.

(Trecho final do discurso de posse).

La Redencion

Dales la espalda a quienes
te halagan em tu vanidad, a quienes espéculan con tu buena fé, a quiene te condenan a ser siempre rebaño, para ser ellos pastores.

Te engañan cuando te ofrecen traerte el porvenir soñado como si fuera un dulce o un juguete.

Elige el camino largo del trabajo y de la fe.

Dignificate, y te salvarás de lo peor de tu martirio.

Mejora tus ideas y tus sentimientos, y mejorarás tu condicion.

Cuando seas más inteligente, más ilustrado y más bueno, comprenderás que civilización, educación, regeneración, igualdad, democracia, equivalen a una sola palabra: autonomía, tanto en el individuo como en la colectividad; educarás a la mujer para madre de lo porvenir; redimirás a la humanidad en el niño; harás que sea la tierra para quien la trabaja, y la mujer para quien la dignifique: no aceptarás lo complejo por lo simples, lo artificioso por lo natural, verás serenamente que cada hombre tenga sus creencias; mostrarás en tus obras tu religiosidad; será part ti un crimen matar, un delito robar, una perfidia la mentira, una iniquidad el privilegio, en todo tiempo y en todas las circunstancias.

Entonces, la cultura te permitirá discernir entre lo real y lo ficticio, el amor ensoberecerá tu egoismo y la alegría embelecerá tu esfuerzo.

Elévate con tus sentimientos y gozarás de la calma luminosa de las cumbres.

Florezca la virtud en tu corazón, y su semilla ceará en la sangre de la specie.

Encléndase tu espritu, y su luz alumbrará a los que llegan a la vida.

Constancio C. Vigil

Sociedade Brasileira para o Progresso da ciência.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência é uma entidade já muito conhecida e conceituada, para que dela estejamos tratando. Congregando os maiores nomes da ciência brasileira, em todos os setores, são realmente sem-conta e extraordinários os serviços que presta à difusão e desenvolvimento das pesquisas e estudos, por todo o território nacional. Todos os anos, promove Simpósios para debates, comunicações e congraçamentos entre seus associados. Em 1971, isso se realizará em Curitiba, no mês de julho, como de costume, havendo maratonas para diversos níveis culturais e educacionais, em relação à mocidade.

Noutro local, consignamos algumas despretensiosas palavras à sua magnífica revista "Ciência e Cultura", desembro de 1970.

O PODER DA INJUSTIÇA

Em todos os tempos existiu e ainda existe um poder que escapa à sanção de qualquer autoridade, que angustia os bons, e atua tôdas as horas em qualquer parte da sociedade humana.

É sempre um problema empolgante para debate.

Mas, não se trata de debate. O que importa a êste trabalho é iniciar um diálogo sôbre a contingência e a consequência da injustiça como fatores de acontecimentos cujos efeitos ultrapassam, às vezes, o ambiente de uma comunidade para se estenderem até onde a civilização assenta sua base de justiça e de direito.

É fundamental para um país regido por uma constituição, ter sua autoridade compartilhada por três poderes, isto é, o executivo o legislativo e o judiciário, cabendo a êste último a faculdade de julgar procedente ou improcedente qualquer pendência que envolva desde o cidadão mais simples até a autoridade mais graduada da esfera civil.

Na verdade, considerando o mérito, da segurança que repousa no triângulo que apoia a sociedade, a classe que dinamiza a prosperidade da família humana envida esforços inauditos para cercá-la de tudo quanto possa constituir sua felicidade.

O filósofo Aristóteles, na obra "Política", coloca a felicidade como a suprema aspiração do homem. Entretanto, o filósofo, na sua bondade, não se preocupou com o obstáculo, que às vezes é preciso vencer e se apresenta — a injustiça.

Numa análise da posição em que se coloca a injustiça, encontramos à margem de dois princípios do direito romano. Os dois princípios conceituam-se em "Puculta agendi" e "norma agendi". O primeiro reconhece no homem a faculdade de agir, dando de si quanto seja possível à sua capacidade realizadora, e o segundo estabelece que a norma de agir é a lei limitadora da atividade que excedeu sua faculdade e assim vai prejudicar direito igual de outros.

A injustiça que pode ser processada é simples demanda. Não a figura marginal do direito e da justiça que age sempre fora dos preceitos legais. Está em tôda parte. É um direito às avessas. É atuante pela mentira, falsidade, tirania, trapaça, politicagem, calúnia, traição, difamação, chantagem, venalidade, fingimento, vilania, hipocrisia, ódio, covardia, rapinagem, patifaria e, ainda todos os meios repulsivos que colimem seu poder negativo.

A bibliografia mundial registra nas suas obras a pléiade de renomados publicistas, de homens que concorreram com o seu valor intelectual para a cultura da civilização, entre êles Monteiro Lobato, Nicolau Maquiavel e o gigante do púpito Padre Vieira, especialmente êste com os seus "Sermões", em cujas páginas lapidares está impressa proporção considerável do mais veemente protesto.

Na história do Brasil, há vários acontecimentos que trazem o sabor do protesto pelos fatos que os originaram. Para ilustrar esta afirmativa, é oportuno relembrar alguns acontecimentos mais conhecidos.

No coração da pátria vive sempre a memória de Benjamin Constant, o militar de fibra moral intransigente, de quem o General Cândido Rondon disse — que "De Cientista e Filósofo avançado, se transformou em Estadista sem par na nacionalidade brasileira".

Conta Benjamin Constant Neto, na biografia que escreveu sôbre o fundador da república, obra publicada pela Biblioteca Militar, as decepções sofridas pelo grande brasileiro em período bem antes do 15 de Novembro. Foi uma das suas decepções aquela de ser preterido na cátedra de matemática, mesmo classificado em primeiro lugar, fato que lhe teria provocado intimo protesto e seria o veículo para fazê-lo abraçar e doutrinar o positivismo na Escola Militar e dali para o desfecho da história da proclamação de república. Sua sensibilidade e o seu ardor patriótico, o levariam a mais uma atitude de protesto e, desta vez, também altamente honrosa, quando, declinou da promoção ao pôsto de General, porque não ficara satisfeito com o rumo tomado pela revolução que lhe enobrecera o ideal.

Preferiu ser apenas Benjamin Constant — uma equação positiva.

O protesto toma vários títulos como meio de manifestação contra o poder da injustiça, no sentido de reagir tem revelado pessoas e acontecimentos. A vida de Castro Alves como poeta dos escravos constitui prova indiscutível. Mas, não se deve cometer a injustiça de restringir a poesia de Castro Alves à causa da abolição. Ele foi poeta que soube mostrar as belezas que enfeitam o mundo e, também, de fazer vibrar o patriotismo de tôdas as classes sociais, com denodo, porque êle sabia que na luta pela pátria "quem morre não tomba; cai nos braços da história". Em grande parte da poesia de Castro Alves predomina vigoroso protesto contra o analfabetismo, a escravatura e o egoísmo dos poderosos. O poeta projetou-se no cenário intelectual com apenas 16 anos de idade. É justo que se relate que a sua primeira obra poética "O Século" pela coragem do adolescente e pelo fundo revolucionário de protesto, lhe valeu uma pena e uma vitória. A pena foi sua reprovação nos exames como consequência da sua poesia ter melindrado elementos da religião oficial. A vitória alcançada foi a de que sacendeu ao lado de Tobias Barreto à liderança da classe estudantil. O que causa admiração na poesia "O Século", início do vôo do condoreiro, é o profundo conhecimento da agitação perigosa das massas, do abuso do poder na esfera política européia com reflexo prejudicial aos outros povos e, ainda mais, o desafio do poeta e o seu destemor dos poderosos.

O ferimento causado pelo impacto da injustiça depende da sensibilidade da parte atingida. Quando o dano é material, provoca revolta, mas, quando o dano é moral, o remédio é o protesto. Este é comum surgir no setor intelectual. Há muito, tempo, o escritor Paulo Setubal, autor de vários romances históricos, publicou o romance "A Marquesa de Santos", obra de real sucesso e ainda muito apreciada na atualidade. O enredo se desenrola em tôrno da vida de D. Pedro I e conta as peripécias das fantasias galantes do imperador. Também, entre os fatos relatados, estão os sérios problemas para a época, que foi a vivyes de D. Pedro, o imperador devia casar. Era um problema de diplomacia e para a missão de tamanha importância foi designado o Marquês de Barbacena. E Paulo Setubal faz sátira dizendo que o diplomata saíra como calceiro viajante a bater às côrtes da Europa para conseguir o enlace imperial. Tempos depois veio à luz a obra histórica "O Marquês de Barbacena", autoria de Pandiá Calógeras, vulto notável nas letras nacionais. Neste trabalho o autor pôde mostrar o alto gabarito do Marquês de Barbacena e deu oportunidade para tornar conhecido o sacrifício feito para o reconhecimento da independência do Brasil. De fato, o trabalho da diplomacia brasileira durou cinco anos de vai e vem singrando os mares da Europa sem conseguir o beneplácito político, porque o govêrno português não queria o reconhecimento e, para isso, contava com o apôio de Metternich e de Talleyrand no Congresso de Viena. Foi preciso a intervenção e o prestígio do Marquês de Barbacena junto à diplomacia inglêsa para que fôsse reconhecida a independência do Brasil. Pandiá Calógeras entendeu que a estátua do Marquês devia ser medida por êste mérito e não pela batalha da República Cisplatina.

A citação dêstes trabalhos de protesto é feita como argumento substancial da firmeza da proposição. Os protestos contra o poder da injustiça são inumeráveis. Contra a justiça não pode haver protesto porque ela decide a pendência depois do competente processo. Agora, a injustiça é invisível e só a caracteriza o efeito lesivo que produz. Atua distante das instâncias pretorianas.

No imenso campo de batalha, cuja luta se fere dentro e fora de cada núcleo social humano e no qual é palco dos dramas mais complicados, tem êsse quadro da vida o homem para movimentá-lo.

O homem, pois, é batalha e artista. É o arquiteto que construiu todos os esplendores que orgulha a civilização. Este é o prisma pelo qual o homem deve ser dividido.

No entanto, dentro da própria batalha do homem surgem problemas que dão aspecto diferente no resultado da luta, imprevisível apenas, num julgamento indiferente.

Este aspecto, que às vezes choca e angustia, foi que levou o autor destas linhas a fazer uma ligeira digressão em discurso proferido por ocasião de solenidade comemorativa, entre seus colegas da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, sôbre a obra "Don Quixote de La Mancha", de Miguel Saavedra de Cervantes.

Afirmam os críticos que o livro retrata a humanidade na sequiça de suas páginas. Por curioso que pareça, todas as figuras que movimentam a famosa sátira são encontradas, cotidianamente, no convívio social, e ninguém poderá negar a si mesmo que não haja alguma passagem quixoteca na jornada da vida.

Como Monteiro Lobato, que teve de escrever o livro para a infância "O Poço do Visconde", para recriar a criança ensinando geologia e, dessa maneira, convencer uma geração da existência do petróleo brasileiro, Cervantes lavrou um protesto na sua famosa obra contra a injustiça, não contra o ilícito que é matéria de direito e por êle punido de conformidade com os preceitos legais, mas por aquêle que lesa e dana suas vítimas e que inspirou Humberto de Campos, angustiado pelo injusto, a escrever estes versos: "na escuridão da noite até a tua sombra te abandona". (Obra "O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira")

A crítica afirma que Cervantes escreveu sua obra imortal "através duma vida inquieta e dias atribulados". Esta, uma situação que pode ser interpretada como inspiradora do standard para a sua cruzada de destaque agravos — a formosa Dulcinéia del Toboso.

A história é testemunha de que tôdas as pugnas ideais são travadas sob a égide de símbolos e deusas. Os filósofos gregos nos teram a Têmis — Deusa da Justiça, figura honorável, com os olhos vendados para fazer imperar o direito.

Ainda é Cervantes que demonstra que fazer justiça é fácil quando se tem a serenidade do analfabeto Sancho Pança, governador da Ilha da Barataria, e, que a virtude do equitativo não é privilégio exclusivo dos doutos.

Dentro dêsse ângulo, fazer justiça é fácil, mas desfazer injustiça é um sonho.

A obra de Cervantes esta aí para prová-lo e a opinião dos que viveram algum episódio de injustiça, para apoiá-lo. Humanista genial, o autor da obra mais completa em psicologia social, só êle, naquele monumento literário, para fazer rir e chorar, conseguiu demonstrar que o poder da injustiça é tão grande que só um cérebro desequilibrado, um Don Quixote de La Mancha, armado-se Cavaleiro Andante, servindo-do arrumento imaginário, da paixão por Dulcinéa del Toboso, heroína responsável pela sua resolução e bravura, seria capaz de sair em busca de lutas para desfazer os agravos que oprimem os homens em qualquer parte da terra, e, que existem, porém bem escudados, que tornam inoperante o exercício do Direito e da Justiça.

Em resumo, o artigo foi iniciado com a opinião de que existe o poder da injustiça e enumerados trabalhos de vários autores cujas obras trazem o cunho do protesto e especialmente a do magnífico Miguel Saavedra de Cervantes com a sua "sem igual Dulcinéa del Toboso" — símbolo ideal dos desagravos da espécie humana.

Para ponto final, êste trabalho é um diálogo e não um debate, tanto que, confessamos, sintonizamos com a opinião de C. Flammarion, de que "Deus não criou nada inútil no mundo".

(Do Centro Cultural Euclides da Cunha)
Membro da ABI.

Soneto ☆

DEODORO QUINTILIANO
Do Centro Cultural «Euclides da Cunha» e do «Pinho Brasileiro da Trovadores»

Infância, adolescência, mocidade,
velhice ou até mesmo a própria morte,
recebe-se, por certo, com a sorte,
vivendo neste mundo de maldade!

Infância, adolescência, mocidade,
muito elevam de sublimes Deuses,
que a sorte nos conduz aos corações,
repletas da maior felicidade!

Vem, também, a velhice indesejada,
trazendo, sempre, junto, a realidade
de que tudo na vida não é nada!

Cumprindo, seu mister, então, a sorte,
sem compaixão, sem dó, nem caridade,
nos coloca, nas mãos da fria morte.

Poema

Los pensamientos son infinitos
como los espacios etéreos.
Mis ojos vibran
en la nostalgia de los sentimientos.

En un altar de palabras
un azul épico;
El paisaje encanta,
dignificando los sueños.

Un caudal puro de agua
una tranquila ribera.
Mas... en la nave viril timonero
de mar brava.

Las noches preceden las despedidas
del dulce viento.
Las reverencias desenvuelven
ante mi espíritu viajero.

Un berlinde de harmonías trovadores
sigue el ritmo de las evoluciones.
Mi corazón palpita en la savia,
al susurro de gloriosos tiempos,
Todo inspira en los espacios eternos
como en las languidos nocturnos del cielo.

Escribió: Barón de Domil.

BIBLIOGRAFIA

"A Arte de Aprender" "Psicologia do Adolescente", "Pedagogia, Humanismo e Filosofia da Educação", "Curso de Relações Humanas," "Achegas Para um Dicionário Gramatical", de Mário Gonçalves Viana.

Como seguidamente temos afirmado, o Prof. Mário Gonçalves Viana pode ser considerado um dos mais fecundos escritores da língua portuguesa. Mas, os seus livros, no contrário do que sói acontecer com muitos outros, primam pela simplicidade, exatidão e versatilidade admiráveis. Todos os assuntos lhe são familiares, se bem que prefira os de índole filosófico-pedagógica e lingüística. Já a eles nos referimos, noutra ocasião, ressaltando, então, o seu inexável poder de comunicação, dentro da mais honesta conduta crítica e da mais imperturbável dos processos de criatividade literária. Por isso, à proporção que os anos vão passando, maior se lhe torna o círculo de leitores, como temos observado em nossa biblioteca e no sucedir das edições em geral. "Achegas para um Dicionário Gramatical", por exemplo, demonstra tudo o que se possa desejar em matéria de lucidez, pertinácia e amplitude de conhecimentos.

São 532 páginas de modelar redação, disposição e aptidão didática, como mui dificilmente nos é dado encontrar em trabalhos desta natureza.

—

"Ernesto Nazareth na Música Brasileira", de Baptista Siqueira.

O Prof. Baptista Siqueira é dos valorosos e combativos espírito da musicologia brasileira. Aliás, seu permanente atuar no cenário das belas artes é já de todos conhecido, quer no campo da composição, quer no da crítica artística, ou ainda no setor da educação, sem excluirmos o da literatura, mórmente do gênero biográfico, como é o caso da obra em aprêço.

O incansável maestro se propõe, aqui, numa longa e substanciosa rememoração de fatos e personagens, dar-nos uma visão clara e objetiva dos principais traços e predicados da insigne personalidade de Ernesto Nazareth e do papel que representou na evolução da música brasileira. Ficamos, assim, sabendo o motivo de não ser êle compositor popular, não obstante as suas composições apresentarem formas tidas como tais, como ficamos também sabendo porque não fêz êle um curso normal de música, num Brasil ainda não cheio de deficiências e empírito de imitação.

Mas, isso não impediu que o bisonho paulista, como Machado de Assis na letras, chegasse às culminâncias no chão que lhe era próprio.

É mais um magnífico trabalho de pesquisa e bom-gôsto que ficamos devendo ao Maestro Siqueira.

—

"Al-Merim", O Folclore de almerim", "Do Passado e do Presente" "Um Museu — Uma Realidade", de José A. Vermelho.

O folclore tem, de fato, em José A. Vermelho um de seus mais sinceros e eficientes adeptos. Dizemos isso, porque, nestes 20 anos de intercâmbio com Portugal, nunca deixamos de receber sempre novas obras, de sua autoria. Vivendo na sua querida Almeirim, de mourisca origem, o ilustre polígrafo, que nos honra com a sua gentileza de ostentar o nome do Centro Cultural Euclides da Cunha", além de produzir criteriosos trabalhos de divulgação, a respeito de seu maravilhoso torrão natal, de penetração histórica e sociológica, no atinente ao seu passado de lutas e esplendores, ou de cunho prático, peculiar aos nossos dias de turismo e intercâmbio, em geral, êle sabe, também, encorajar os neófitos e os aficionados em geral das ciências sociais, com especialidade do referido folclore.

Realiza, assim, o Snr. Vermelho, num estilo fluente, agradável e sugestivo, obra das mais genuínas e meritórias, peculiar aos grandes espíritos que se não afastam da Província.

—

"História Econmica do Mate", de Temistocles Linhares

O nome de Temistocles Linhares é hoje, dos mais conhecidos, internacionalmente falando. Com efeito, não somente nos países de língua portuguêsa tal acontece, como nos de idioma castelhano e, até, de outros mais. Entretanto, êsse privilegiado intelecto não se limita à crítica literária, nos seus profícuos e incessantes estudos de elevado teor, senão que, igualmente, encontra tempo para substanciais e esclarecedoras pesquisas, em vários outros setores. A sua já vasta bibliografia bem que o atesta: "Introdução ao Mundo do Romance", "Paraná Vivo", "Nietzsche — Atual e Inatual", "Jornal da Europa", "Contos Escolhidos de Machado de Assis", "Antologia do Conto Português" e, recentemente, História Econômica dos Mate".

É a êste último que nos desejamos referir, embora de maneira sucinta e despretenciosa.

Acabando-se de ler as 522 páginas que compõem o livro, a sensação que se tem, sem exagêro, é a de se ter percorrido, retrospectivamente, a quase totalidade dos capítulos da nossa História, não apenas econômica, mas também política, social etnográfica, religiosa, folclórica e por aí vai, dentro do mais suave objetivo e produtivo dos critérios. É que, regendo a cátedra por tantos anos, estudando e lendo desde tenra idade, pondo-se no jornalismo, sempre em contacto com os mais díspares temperamentos e criações, trabalhando, enfim, como alto funcionário do Instituto do Mate, ninguém mais capacitado que êle para semelhante empreendimento. Daí, então, que não pudéssemos esperar outro resultado de tão útil ação instrutiva e patriótica missão.

Mas, fugindo ao comum das monografias especializadas, "História Econômica do mate", sem lançar mão de qualquer rompante de auto-promoção, tão comum em certas Metrópoles hodiernas, analisa, refuta e estabelece, de modo convincente e encorajador, sem que se faça necessário tripudiar sôbre a carcassa de conhecidos sociologos, antropólogos economistas, políticos, historiadores e até folcloristas, por via de regra, empolgados por determinadas linhas etno-culturais ou por injustificáveis ou incabíveis diretrizes ideológicas, ditas oniscientes. Exemplifiquemos com as afirmações daquuns historiadores gaúchos, de que o índio foi elemento negativo na formação da cultura daquele estado (Moisés Velinho, Dante deMorães, Alcindo Lima e outros), ou a de que o afronegro desempenhou papel decisivo na cultura e extração do mate (Ilari e outros), ou, ainda, a de que os bandeirantes agiam sempre em grupos compactos contra índios e jesuítas. Tudo isso só suficientemente refutado pela documentação de Linhares.

O mate está, pois, investigado como nunca (até nas propriedades terapêuticas), dondo, sem arrouhos de falso patriotismo, a recomendação de mais conveniente comercialização do produto, na forma de chimarrão, que é como nô-lo transmitiram os avós indígenas e cabocios. Foi, efetivamente, êsse elemento o criador da bebida, como o comprovam os próprios nomes da herva e dos utensílios.

Livro de categoria, que merece lido e relido por todos os paranaenses e brasileiros em geral.

—

"Dolores Ventimilla", "Traição a la Vida", de G. humberto Mata.

De G. humberto Mata pode ser dito que, apesar das aparências, é um dos espíritos mais autênticos, vigorosos e independentes da literatura hispano-americana. Suas originais e impressionantes novelas, seus magníficos e versáteis ensaios, suas inspiradas e bem estruturadas poesias, tudo nele nos anuncia constante luta, consternação e inconfundível participação num mundo feito de usurpações, injustiças e desumanidades, de que a raça indígena é o principal vítima. "Sumag Alipa" "Literatura Morlaca" "Sal", "Dolores Ventimilla", "Traição a la Vida" e muitíssimos outros trabalhos, sem dúvida alguma, servem para corroborar o que acabamos de dizer, porque queremos dizer alguma coisa, apenas, sôbre as duas últimas de suas produções.

Em "Dolores Ventimilla, tle, humanidade e corajosamente, trata da exhibitação daquela esplendida poetisa dos meados do século passado, tão perversamente sacrificada à maledicência e atraso duma sociedade de tipo colonial e aos asquerosos e traiçoeiros botes do lascivo e impiedoso clero de então. Mata intenta — e com bom êxito e cavalheirismo — o restabelecimento da verdade, com a imultânea glorificação do intelecto feminino, no cenário das létras, da cultura e da própria vida socio-administrativa do Equador e do mundo em geral. Num estilo enérgico, individual cheio de impetos magistrais, embora, por vêzes, deixe transparecer inegável lirismo e sensibilidade, o autor nos empolga e nos traz à revolta, ante as desditas e frustrações das suas personagens e figuras biografadas.

Outro tanto se poderá dizer de "Traição a la Vida", em que relata o que foram as vidas dos brilhantes poetas e poligrafos equatorianos Cesar Dávila Andrade e Jacinto Santos Verdura, "poetas demoníacos que tuviéron que sucumbir a su poder de creación extraterrestre".

Muito teríamos que dizer ainda, em relação ao autor e vultos relembrados, mas, dado o exíguo do espaço, acreditamos haver já apresentado um mínimo para semelhante propósito.

Que Mata prossiga em sua exemplar e benemérita emprêsa!

III

"Estudos de Filologia", "Raul Pompéia", "O Idioma do Brasil", "Em defesa de Raul Pompéia", de Artur de Almeida Tôrres.

O Brasil, dizem, é a terra dos gramáticos e filólogos. Diz-se, também, que o é dos poetas e oradores. Mas, há um fundo de verdade em tudo isso, pois ninguém ignora que somos um povo vivido e amante das coisas belas e interessantes.

No setor da linguagem, então, a tradição do bem-falar e do escrever correto prossegue, na imprensa de vulto e nos círculos mais cultos do país.

E por tudo isso que, cada vez mais, admiramos e louvamos o esfôrço educativo de Mestre Artur de Almeida Tôrres.

Há mais de quarenta anos, vem êle enriquecendo a bibliografia brasileira, mórmente a relacionada com tais temas, ao mesmo tempo que vê seu nome ultrapassar as nossas fronteiras, recebendo elogios da Iberia, da América Latina, dos países saxônicos, da Alemanha e até da Romênia...

Qual o segrêdo dêsse crescente prestígio e expansão, tanto no sentido afetivo como no da penetração cultural, que, em última análise, redunda em proveito do próprio Brasil, lá no Exterior?

É que o ilustre filólogo, dentro de um didatismo admirável, sabe ser honesto e sabe ser elegante, mesmo nas polêmicas mais acesas. Além disso, possuidor de invejável cultura geral e especializada, tem noção tiúfda da delimitação de cada disciplina tanto quanto da individualidade de cada estilo ou expressão artística autêntica. Na caracterização da linguagem de Rui Barbosa, por exemplo, conseguiu muito bem pôr em relevo as diversas fases de tal afirmação expressiva e comunicativa do imortal baiano, sem que incorresse nos excessos e leviandades de certos mestres da zombaria.

Pois, é êsse autor honesto, claro, versado e, acima de tudo, cordial, que aqui, hoje, queremos reverenciar e felicitar pelas quatro décadas de magistério e literatura.

—

"Atlas Histórico Regional do Mundo Arabe", "Aspectos da Literatura do Mundo Negro" "Cultura e Civilização Indiana", respectivamente, de Rolf Reichert, Willfried Feuser e Gertrude Emerson Sen.

"O Centro de Estudos Afro- Orientais "da Universidade Federal da Bahia, é, por todos os títulos, uma criação genial da gente soteropolitana. Podemos, mesmo, dizer que, em nenhum outro ponto do Brasil, já mais passou pela cabeça de alguém a fundação duma entidade de tal porte e significação para melhor conhecimento de nós mesmos e do mundo. E obra de ciência e consciência, de perquirição científica e ardor cívico-cultural, enfim, de tudo aquilo que possa servir para desfazer ou eliminar a imagem do "pastiche" ou da incongruência mestiça, que se nos costuma atribuir. O trabalho do Prof. Reichert é portentoso, elucidativo, de incontestável penetração etno-histórico-lingüística, tanto em relação ao mundo árabe como no referente ao Islão. Aliás, a êle também devemos a publicação de documentos escritos em árabe e usados pelos malês como amuleto ou rezas do Alcorão. O eminente mestre ensina, agora, na Espanha.

"Aspectos da Literatura do Mundo Negro "" é, igualmente , trabalho atraente e interessante, se bem que aí a palavra "negro" não tenha sempre o mesmo sentido.

Acreditariamos que seria muito mais instrutivo e digno de elogios, se mostrasse o mundo negro como o vivem e representam os autores nos idiomas nativos ou, ao menos, num ambiente mais chegados à África, conquanto de línguas européias.

Porque, em bos verdade, não há nada mais distante da África do que um negro americano, que só sabe falar no Antigo Testamento.

Mas, mesmo assim, o livro se recomenda, pelo muito que descreve a respeito do afronegro em confronto com o mundo moderno e suas limitações étpicas.

Finalmente, Cultura e Civilização Indiana" é um magnífico balanço da terra e do homem na India, concebido em têrmos de aproximação intercultural e de reabilitação, dentro da maior honestidade, concórdia e espírito de cooperação.

Neste século de Einstein e da bomba atômica, já não há lugar para etnocentrismo e pontos de vista do mais forte e pretensamente mais civilizado, no absoluto da acepção. Hoje, amerindios, afronegros, negritos e até australianos têm muito a nos ensinar em mais de um setor do conhecimento humano.

—

"A Família-Conflitos e Perspectivas," Coordenação de A. Mezzomo e Faissal El-Khatib. Trabalhos da Autoria de Ivo Carlos Arnt, Ernani Simas Alves, Brasílio Vicente de Castro, Margarida Bacil, Maria Luiza Ferreira Charvet, Célia Cartes, João A Mezzomo, José Assan Hálabi, Paulo de Tarso Monte Serrat e Mansueto Serafini.

O livro paranaense já tem vez, no comércio de livros do Brasil.

Para felicidade nossa, seguindo a trilha nobilíssima da Editora Guaira e de outras heróicas tentativas de auto-afirmação gráfico-cultural do Paraná, o Snr. Said Mohamad El-Khatib, culto e compreensivo homem de letras do Líbano, há muito radicado no Brasil, houve por bem fundar uma Editôra — a conceituada Grafipar, — que já deu a luzme quase uma dezena de magníficas coleções. As últimas são: "Dicionário Cultural Brasileiro", "História do Paraná", "História de Santa Catarina" e "A Família — Conflitos e Perspectivas".

A respeito dos primeiros, muito se têm escrito, sendo os juízos quase que unânimes na exaltação do empreendimento e cooperadores, uma vêz que, não sendo idéia da Editora esgotar o assunto, mas simplesmente contribuir para que melhor conheçamos o nosso idioma, o nosso torrão

(Continúa na página 4)

BIBLIOGRAFIA - (Continuação)

(continuação da 3a. página)

e as nossas possibilidades (e, para isso, não faltaram competentes e dedicados mestres!), achamos que as opiniões e comentários favoráveis têm sido justos e sinceros.

Agora, vem 'AFAMÍLIA, com igualmente notável equipe de médicos, professôres, higienistas, psicólogos e até sacerdotes, trazer ao debate os problemas que afligem a célula-mãe: da sociedade e do homem como ser pensante e atuante, fazendo por que se lhes proporcionem soluções adequadas. Como se vê, é obra de grande envergadura, desdobrada em quatro espêndidos volumes, de fino acabamento e impressão.

É claro que ninguém irá aí encontrar ensaios, estudos ou trabalhos de feição acentuadamente técnica ou de desencorajante tesitura, própria dos compêndios de alta indagação (como era de hábito, outrora), muito ao contrário, trata-se de coleção bem acessível, de inegável natureza didática, em que a linguagem e o estilo demonstram, acima de tudo, preocupação de expôr, fazer compreender e aconselhar, de maneira correta, precisa e prudente.

Nossos parabéns portanto, aos idealizadores da mesma, bem como ao seu abnegado editor.

—

Município e Municipalização", Estudos de Direito Público" "Ensaio sôbre Mecânica Política do Estado", "Subversão e Contra-Subversão", História Breve DO CONSTITUCIONALISMO NO BRASIL", Manoel de Oliveira Franco Sobrinho.

O Prof. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho é um dos nossos intelectuais mais ágeis e profícientes.

Na literatura como nos trabalhos jurídicos, na história tanto quanto na sociologia, na cátedra universitária do mesmo modo que na tribuna parlamentar, sempre o que estamos vendo a produzir, interpretar, divulgar e rebater idéias, conceitos e tendência, tudo dentro daquela lucidez, criterioisidade e desejo sincero de bem servir ao homem e à comunidade, que consideramos apanágio dos espíritos de escol.

A sua trajetória no terreno das letras, da política e do magistério tem sido das mais brilhantes e legítimas, nem é aqui o lugar adequado para sôbre a mesma discorrermos. O nosso propósito, agora, não vai além de dedicarmos duas palavras a respeito das obras acima. Em "Município e Municipalização" está bem explícita a tendência do autor, de dar ênfase à corrente moderna dos localistas, em confronto com a centralização às vêzes absurda de certos regimes, para o que, como se depreende da vastíssima bibliografia, o Dr. Franco se mostra preparado e credenciado. São ponderações e considerações claras, razoáveis e precisas que muito ajudariam aos nossos administradores e legisladores. Já, "Estudos de Direito Público" representa trabalho mais demorado, substancioso e metodizado, porquanto, através dos bem dispostos capítulos, nos é dado contacto proveitoso e atraente com as mais diversificadas secções do conhecimento humano, dentro das naturais interpenetrações que os problemas pressupõem: filosofia jurídica, sociologia, direito natural, administração, política unitária e seus opositores, autarquias, etc. "Ensaio Sôbre a Mecânica Política do Estado" pode muito bem passar por visão panorâmica da estrutura e funcionamento do Estado, levando em conta as precariedades e antagonismos que o relativismo das ideologias deixa entrever, mas que a cegueira ou o fanatismo teimam em negar, donde, o caráter de perpetuidade e absolutismo de boa porção dos regimes modernos. "Subversão e Contra-Subversão" põe nos devidos têrmos tôda essa atroada dos direitos humanos unilateralmente concebidos, sem que o chamado Direito Internacional tenha tido capacidade, até agora, para definir, com precisão e justiça, tanto o conceito como o modo de torná-lo viável, no emaranhado das relações entre estados e entre indivíduos. Finalmente, "História Breve do Constitucionalismo no Brasil" é contribuição que consideramos básica para a compreensão do Brasil e sua vida legal, através dos tempos. O autor é dessas pessoas bem inspiradas e vividas, culturalmente falando, pelo que, ao tratar da realidade brasileira, como nô-la apresentaram Tavares Bastos, Alberto Tôrres, Euclides da Cunha e tantos outros, a partir de José Bonifácio, o Patriarca, aproveitou a ocasião para relembrar e acentuar a necessidade de aprendermos sempre a equacionar os problemas e acontecimentos, dentro da relatividade do tempo e espaço, tendo, acima de tudo, em vista as características de nosso modo de ser, de nossa psique. Ora, um povo, como nosso, que tão bem soube adaptar-se aos trópicos e que tão intensamente está tirando proveito da mistura de raças e culturas, não necessita, de maneira alguma, viver importando ideologias ou formas de govêrno, que, em boa verdade, não se mostram adequadas em país nenhum. Portanto, essas democracias mais teóricas que práticas (por via de regra, cheias de falhas e distorções) ou essas pretensas salvações totalitárias, principalmente da esquerda (sob forma socialista ou como que lhe chamem), como outras quaisquer concepções absorventes, de outras latitudes e outros temperamentos, tudo isso, no final de contas, deve ser posto à margem, extraindo-se-lhe, quando, muito, o razoável.

Eis, em síntese, uma pequena idéia do que contém o valioso trabalho do Prof. Franco Sobrinho, indispensável em tôdas as estantes.

*

O "Fisquim", "A Estrela e Eu", "Varredores da Madrugada", "Muçaral", de Vasco José Taborda Ribas.

O caso de Vasco Taborda Ribas é, deveras, original, porquanto, além de denunciar forte inclinação para as letras, oferece, por outro lado, admirável devoção da melhor apresentação possível, nela incluídas, ao menos, as razoáveis exigências do bem escrever. Assim é que o vemos, continuamente, a revisar, prefaciar, editar e, até, distribuir livros a manchheias.

Vamos, porém, aos seus trabalhos, em prosa e verso, aparecidos nêstes últimos tempos.

"O FISQUIM" é um saboroso conjunto de contos e lendas de curta extensão, narrados sem nenhuma preocupação de arrebiques, preciosismos ou desejo menos recomendável de auto-promoção, e, no entanto, dentro dessa simplicidade, fluência e versatilidade plena, quanta coisa nos vai interessante vamos encontrar!

"A ESTRELA E EU" compreende vários poemas leves e suis, escritos em diferentes épocas, aos quais o autor anexou trabalhos seus, vertidos para o inglês, castelhano e esperanto. "VARREDORES DA MADRUGADA" vem a ser outra coletânea maravilhosa de composições referentes à vida da civilização, com os conflitos e contactos, entre humanos, fonte perene de inspirações e transformações. Mas é que o autor, dentro da sua riqueza de motivos e vivências, sabe usar e temperar, para encanto do leitor e dos admiradores. Finalmente, "Muçaral", recentemente aparecido, constitui, apesar do título (em tupi-guarani: BRINCAR, como acertadamente explica o autor), é bem um trabalho de maturidade, de poder de observação e fôrça evocativa, de auto-apreciação e inegável visão sintética do ECUMENO, com tôdas as alegrias, surpresas, desditas ou incompreensões com que nos enleia...

Estas, em síntese, as poucas mas sinceras palavras que dedicamos a Mestre Vasco, com votos cordiais de novas realizações.

—

"Psicologia do Adolescente", "Psicologia de la Angustia y la Timidez", "Vias de Comunicação para a Zona Rural", "Psicologia Educacional", "Tímidos e Angustiados", "Aguapés Flutuam na Ribeira", "A Psicologia e a Medicina do Espírito", de João de Souza Ferras.

A "Casa da Cultura", de Limeira, S. Paulo, edita um belo jornal cultural: "Létras da Provincia" com êste último nome mantém igualmente uma conceituada Editôra, a qual tem lançado no mercado cultural inúmeros trabalhos de responsabilidade, da autoria de literatos, psicologos, pedagogos, médicos, críticos, etc.

Não é preciso dizer que a alma dessa notável entidade cultural é o Prof. João de Souza Ferras, agora auxiliado por notável pléiade de intelectuais de várias gerações. Ora, o ilustre pedagogo, psicólogo e homem de létras já editou mais de 20 livros de sua lavra, o que demonstra incomum vida espiritual, mórmente se levarmos em linha de conta o fato de residir êle no Interior de S. Paulo, como é também o nosso caso, no Paraná. Pois bem, dêsse prodigioso intelectual se pode dizer que não só não cessa de escrever, como ainda, ao escreve coisa boa, matéria de lei. Seus livros de fundo científico já são sufficientemente divulgados, conhecidos e valorizados, já que o eminente poligrafo colabora em jornais de prol, como é o caso do "Estado de S. Paulo", sem falarmos nos órgãos estrangeiros, em do muitos de seus livros traduzidos para o castelhano. O que causa admiração, porém, é a sua condição de romancista, como aconteceu com "AGUAPÉS FLUTUAM NA RIBEIRA", hoje consagrado pela crítica honesta do país. Ai, com sinceridade, ficamos conhecendo um outro Ferraz, que nos descreve, com brilho e vivência efetiva, a vida numa pequena cidade do interior. Livro saboroso, despretensioso, de feitio popular, direto e comunicativo, como é próprio das obras que trazem em si o caráter da perpetuidade. Sem favor algum, essa original criação daquele espírito franco e cordial está fadada a lugar de destaque no plano da boa literatura.

Parabens, magnífico e incansável companheiro de ideais e de lutas pela dignificação do saber e da cultura!

—

"IRAPUÃ" e PASSO FUNDO DAS Missões", de Jorge E. Cafruni

Jorge E. Cafruni é um velho conhecido e companheiro de lutas em prol do indio brasileiro, tão falado, hoje, e tão injustiçado, como, sempre. Faz parte daquela brilhante intelectualidade gaúcha, que, como já dissemos, teve a coragem e bom senso de quebrar o tabu do provincianismo tímido e subserviente, que lá à Côrte, ao clássico beija-mão dos donos do saber. E, como todo bom gaúcho, êle sabe investir, rebater, discutir e convencer, graças ao espírito de pesquisa, de que é dotado, ou à curiosidade nelas coisas do seu torrão, que sempre o acompanha. Efetivamente, cresce, dia a dia, o número dos bons historiadores rio-grandenses, que nos vêm brindando com excelentes monografias a respeito do passado em geral, ou do missioneiro, em particular. Mas, antes de examinarmos "PASSO FUNDO DAS MISSÕES", digamos duas palavras sôbre o romance, indianista, no bom sentido, de Jorge Cafruni que teve a fineza de reproduzir, à guisa de prefácio, uma pobre apreciação nossa, o que muito nos envaidece. "IRAPUÃ" é romance indianista, mas além de indiscutível obra de arte, a que não falta a boa frase, o colorido e o evocativo do beletrista e do tipicamente poeta, ele tem o condão de contribuir, sobremaneira, a que em têrmos, definitivamente, essa raça desprezível dos eternos "pastiches", que puluiam, por todo o Brasil, e que, imbuídos de certa meia-ciência e empolgados por determinadas predileções ehtnoideológicas, pretendem, ousadamente, fazer-nos aceitar que o indio brasileiro nada nos legou, porque nada significou, cultural e demograficamente. Pois bem, em "Irapuã", estamos assistindo, ao culto ipiritual do indígena, graças à fôrça telúrica e à compreensão fraterna, que está já modificando o brasileiro de tôdas as proveniências e as elites autênticas de todos os quadrantes. Em "PASSO FUNDO DAS MISSÕES", pomo-nos em contacto com o mundo que o missionário e o brasilindio souberam criar, mas que o obscurantismo, a ganância e a covardia do europeu tudo fizeram por destruir, numa picaresca aliança inter-ibérica e anti-jesuítica. E é aí que observamos a outra face do problema amerindio; a dedicação, a eficiência, a firme za de atitude, o desprendimento, a riqueza do poder imaginativo e outras coisas mais.

Os difamadores e explorados-res do indio podem, agora, estar certos de que não mais agirão impunes, pois a pena vingadora dos sinceros e destemerosos historiadores, sociólogos e antropólogos aí estará, para fazer silenciar o seu primarismo detestável.

—

"OS IMORTAIS DE PASSO FUNDO", de Sabino Santos.

Sabino Santos é outra figura notável de Passo Fundo jornalista, biógrafo, historiador, professor, poeta, em tudo, seu esclarecido espírito tem sabido impôr-se, graças ao seu modo inconfundível de abordar os assuntos, à objetividade exemplar que lhe preside aos atos e processos de indagação, enfim, ao seu incontestável talento criador, onde os sêres e personagens sempre soem receber consideração condigna, entrosando-se perfeitamente, enunciando, cada qual, sua essência e função, na nitidamente, deixando transparecer elementos axiológicos, cuja afirmação parece avultar, sobremodo, nos planos do autor. E que, educado segundo os cânones da velha tradição gaúcha da lealdade, cordialidade, amor ao torrão e suas coisas, sem falarmos no respeito que a cultura e o saber aí costumam encontrar, torna-se claro que o Prof. Sabino tanto produza, batalhe e comunique, em todos os sentidos, para ver triunfar seus ideais de Educação e Inter-penetração Cívica extensiva, mesmo, a outros Estados da Federação.

Seus cometimentos são muitos, a partir da Academia de Létras, do Instituto Histórico, da Faculdade de Direito e do Centro de Tradições Gauchescas.

E êsse "Os IMORTAIS DE PASSO FUNDO" bem nos autorizam a felicitá-lo, em nome dos euclidianos irmãos de Ponta Grossa, pois que, por vários motivos, a sua fina sensibilidade e o seu inegável lastro cultural aí se nos deparam, de maneira clara, atuante e extremamente compreensiva.

Esta secção continua na 10a. página

A Estilística de Euclides

NELSON ERASMO VASCONCELOS

Para se ocupar, ou dizer algo sôbre a estilística de Euclides da Cunha, que a todos impressiona, necessário se torna remontar-se aos idos de duas ou três décadas anteriores ao ano de 1.900, época da formação, ou melhor, da fixação cultural do autor de "Os Sertões". Pois, sòmente considerando fatôres diversos de, tal tempo, convivência, ambiente circunstancial culturas, é que se pode sopesar, ponderar, as influências determinantes da maneira pessoal que cada escritor possui de exprimir seus pensamentos através da palavra, ou seja, o seu estilo.

No caso de Euclides da Cunha, possìvelmente, as escolas literar as discutidas na época tiveram a sua grande dosagem de responsabilidade na Ríqueza de haver êle escolhido entre os diversos modos de expressão que a língua lhe oferecia, aquêle que mais se coadunava com a sua produção, o seu trabalho no mundo das letras.

Há que se considerar em meio têrmo, ainda, tanto as palavras de Buffon, já tecidas pelo estrabismo ou má fé, quando o qual "LE STYLE C'EST L'HOMME", quanto as honestas de Humberto Pinheiro, que sentenciam: "No entanto, êrro seria julgar que o estilo é o espelho fiel da alma como alguns pretendem: o estilo pode manifestar apenas o espírito ou melhor ainda, algo do espírito, mas não o caráter".

Os quatro lustros que precederam ao ano de 1.900 foram de evolução na literatura nacional, com reformas de princípios e imitações escolásticas, que culminaram, tem mais tarde, com o movimento de 1.922 estabelecendo a

Escola Modernista

Assim, quase meio século marca as transformações por que passaram as letras no Brasil, refletoo direito da evolução da arte, em todo o mundo civilizado.

Pode-se dizer que, nesse interim de nossa História literária, se registrou entrechoques e diversificações na arte de escrever que logicamente, influíram, na maneira insensível e profunda, nos espíritos então em formação.

De um lado, remanescentes da Escola Parnasiana fazim pé firme na ânsia de seus postulados, no culto exessivos da forma, reagindo ao naturalismo ou realismo consequência da passada era romântica. E, Teofilo filho Dias, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Luís Delfino, Luiz Guimarães, Vicente de Carvalho, Bernardino Lopes, poetas e prosadores, todos, em quaisquer instrumentos, através de livros, colunas de jornais, tertúlias ou serões, alimentavam a imaginação de seu leitores, ouvintes e amigos, dizendo das verdades que encerrava o Parnasianismo na interpretação exata da mensagem que o escritor tem a externar, através de sua obra. E criticavam a "liberdade" exagerada de Alfaiz de Azevedo, Júlio Ribeiro ou Raul Pompéia, representantes insignes do realismo literário.

E aquêles corifeus, sobrepondo a forma a qualquer outro fator, exigiam que, no trabalho literário, tudo e nada fôsse sacrificado em holocausto à construção.

De outro lado, surgem Cruz e Souza, Mário Pederneiras, Alphonsus Guimarães, com a capacidade e a cultura que os dignificavam para influenciar a intelectualidade contemporânea. Traziam u'a mensagem nova, modificadora da literatura, abrindo outros horizontes para a criação artística. Era o Simbolismo, escola responsável pela caracterização do catarfismo Cruz e Souza, o mator de todos os simbolistas, no cenário da cultura literária pátria.

Servindo-se dos sons como veículos de emoções, os simbolistas abusavam das onomatopéias mas, tem por isso, eram antipáticos, pois o grande segrêdo do sucesso que alcançaram estava no lema: as palavras não devem dizer, mas apenas sugerir o significado. E seguiam à risca os seus princípios, considerando que "referir-se a um objeto, pelo seu nome, é suprimir as três quartas partes da fruição do poema, que consiste na felicidade de adivinhar, pouco a pouco, sugeri-lo", notadamente tracado por Mallarmé e seguido por Verlaine, Rimbaud, Jean Moréas, em França, ou Eugênio de Castro, em Portugal. Para o seu fim colimado, isto é, para a exploração dos sons, os simbolistas vão até a alteração dos têrmos em sua significação etimológica, prosseguindo com certo "hermetismo, certa obscuridade de expressão, concretizando o abstrato e abstratizando o concreto.

De outra parte, ainda, o assomo do modernismo já se fazia sentir, irianido os ceus de nossas letras, através de Graça Aranha que, embora não progasse abertamente, nessa época, o futuro marinetismo, já deixava entrever em seus escritos a sua contribuição para a renovação nas arte e nas letras conseqüência lógica da transformação do mundo, na política, nas ciências e em tôdas as atividades humanas, mais, principalmente, na intelectificação do espírito libertário dos povos.

Também insensível, porém natural e crescente, o movimento modernista, que viria mais tarde, eclodir com intensidade arrebatadora, na Semana de Arte Moderna de 1.922.

Em meio a essas mutabilidades e idéações, tendo como companheiros, muitas vêzes, intelectuais pertencentes a uma que outra escola literária, Euclides da Cunha soube conferir, por sua vez, a intensidade dessas influências tôdas, quer do parnasianismo, quer do simbolismo, quer do modernismo embrionário. De tais convivências epodécticias, que podem ter sido, contribuído para amalgamar o estilo euclidiano, bastaria saber-se que entre os amigos mais íntimos de Euclides da Cunha, segundo a enumeração de Silvio Rabelo, em seu livro "Euclides da Cunha", figuraram Coelho Neto (romanticismo), Vicente de Carvalho (parnasianismo), Oliveira Lima (realismo), além de Alberto Rangel, Gastão da Cunha, Teodoro Sampaio, Afrânio Peixoto, Domício da Gama, João Luiz, Mário de Vasconcelos, Afonso Taunay, Viriato Corrêa, José Honório de Sílos, Adalgisa Pereira.

Outro aspecto primordiante, que deve ter trazido subsídios valiosos para o amadurecimento intelectual de Euclides, foram as suas preocupações e as suas pesquisas no sentido da tendência filosófica sistematizada no século XIX por Augusto Comte. Dos 18 anos em diante, Euclides demonstrou ser um positivista. A sua obra está repleta de exemplos denunciadores de sua intenção de basear-se nos fatos e na experiência, norteando-se pela filosofia que deriva do conjunto das ciências positivas. Euclides foi um positivista, como o era tôda a mocidade militar de seu tempo, que abraçou a idéia contínua, sem embargo da afirmação de Olímulo de Souza Andrade, em sua obra "Euclides e Interpretação de Os Sertões", onde diz: "Do positivismo que na Europa foi apenas um sistema filosófico, mas que, no Brasil, foi menos uma filosofia que um sistema religioso e uma fôrça de ação política e de organização social, Euclides recebeu influência que não foi profunda nem duradoura".

O jornalismo, mais que a profissão de engenheiro que, no dizer de Silvio Rabelo, "não corresponda aos apêlos de sua vocação", tomou uma parte da existência de Euclides e contribuiu para a solidez de seu modo de exteriorização interpretativa dos fatos, das coisas e da vida. Cooperou para a guerra que foi do "Estado de São Paulo", o relato do que via e ouvia teria de ser feito de maneira objetiva, completa, sem rodeios e sem subterfúgios, de molde a discutir o assunto do ponto dos leitores e adstrito às naturais contingências da situação de correspondente de guerra, questão nova ainda com a eterna exiguidade espacial dos órgãos noticiosos, como sempre sem ser o primeiro jornal paulista.

Aceitando a incumbência de Júlio Mesquita, diretor do jornal, Euclides já com 21 anos de idade, passou a enviar a São Paulo, dos campos de luta da Bahia, na revolução de Canudos, as notícias da campanha. Era o primor de uma inovação nos métodos do jornalismo, fazendo reportagens colhidas ao vivo. Seu trabalho redatorial era uma vitória intelectual, pronta, ampla, do teatro de operações bélicas.

Afez-se com facilidade a missão a que se comprometeu.

E, não há negar que o estilo jornalístico, impacta pelas circunstâncias, entre preciso e conciso, por vezes as palavras correspondendo com exatidão às idéias, outras tantas fazendo as palavras sugestionar muitas idéias, fornecer o autor de "O Sertões" a acostumar-se com u'a maneira nova de escrever, até então não usada pelos jornais.

Assim, diversos foram os fatôres que influíram na formação da estilística de Euclides: normativos; convivência com amigos; companhia espiritual de filósofos e outros autores, através de livros; contemporaneidade de diferentes escolas literárias em confronto; relação direta com a natureza e todos os impressios que ela contém; impactos emocionais e surpreendíveis dos entrechoques humanos; e, acima de tudo, a sua honestidade de propósitos em externar o que pensava, via e ouvia, sem falsamentos desiludidores da realidade.

Pode parecer estranho que qualquer dasses fatôres, ou todos, em conjunto, numa resultante amálgama, sejam passíveis de deixar sua marca indelível no espírito de alguém, a ponto de interferir no encontro e na fixação de seu próprio estilo. Todavia, difícil é saber-se a delimitação exata, a relação lídeira dos campos da literatura que medeia entre o escolástico e a estilística.

Exemplo da asserttiva dessa influência é a confrontação de obras de um mesmo gênero, escrita por autores pertencentes a u'a mesma escola literária. Tomemos a poesia dos românticos Alvares de Azevedo e Fagundes Varela. Há profundidade na diferenciação estilística de ambos, entre si? Os menos avisados poderiam até confundí-los E bem verdade que têm estilo próprio, mas a contingência da igual corrente literária pode fazer com que ambos e, talvez, tenham se aproximassem da mesma propriedade de um expressar-se. Outro exemplo? Os arcadistas do Grupo Mineiro.

A obra euclidiana é de uma feição própria, "Original. Inédita e classificável, como já se fêz, como pertencente ao gênero descritivo, narrativo ou dissertativo. É inútil, sem comdedá-la, quanto a escolas literárias, como de historiador romântico segundo se obtem até em compêndios didáticos. É uma projrietade SUI GENERIS de Euclides e não encontrar-se e não pode-se a qualquer dessas escolas literárias, o que obriga a identificar-se sua própria estilística, quer ante a QUALIDADE, quer ante a QUANTIDADE, apresentando-se simultâneamente, simplesmente e veemente e, ainda, com precisão, concisão e por vêzes, redundante.

Contudo, generalisadamente, pode-se observar que a obra euclidiana prima, pela sua honestidade sem que com isto possa ser classificada de sua por êsse prima. A honestidade de externar o que sente, de revelar a realidade de fato colhe, de expressar-se, quando o seu íntimo, é uma virtude rara nos escritores e que resulta a beleza via ta na obra de quem a cultiva. Euclides assim se identifica facilmente, pelo simples fato de convencer sem maiores indagações.

"Os Sertões" e outros livros de Euclides foram escritos não por dilentanismo ou vaidade, mas obedecendo a um imperativo interior, para externar u'a mensagem descritiva da época da realidade brasileira e, ao mesmo tempo, para cooperar na renovação dos costumes e do comportamento social, não só regionalístico, mas generalizado da comunidade nacional e contemporânea. E, se fêz com segurídade e conhecimento de causa solução, com inocrédito conscientido Sinceridade de propósitos para com o mesmo e para com os seus semelhantes. Euclides viu o mundo com os olhos de um pesquisador, melhor abertos graças à sua condição de engenheiro, a quem não passam imperceptíveis quaisquer ângulos técnicos de um setor e com o coração voltado para as necessidades humanas. Com fôrça de seus naturais predicados de humanismo.

No resultado dasas experiências, dessa franqueza e desta honestidade no escrever é que reside a maneira peculiar de Euclides exteriorizar seus pensamentos, é que as fundamenta o seu estilo.

E a grande comprovação do conceito de que a estilística de Euclides da Cunha é o resultado do seu temperamento e virtudes pessoais, da convivência com homens de todos os estádios de aculturamento, da intimidade com intelectuais corifeus de diversas escolas literárias, da diversificação de suas próprias atividades como técnico de engenharia jornalista, antropologista e historiador, de predilação pela corrente filosófica dos fatos, de sua aproximação espiritual com obras literárias de autores os mais diversos, de sua convocação, repita-se-o, não no fato de surgir como escritor consumado e literato de nomeada desde a sua obra "Os Sertões" grandiosíssima, bastar da literatura nacional e trabalho dignificador da cultura continental.

Euclides não passou, como a grande maioria dos escritores, pelos estágios desenvolvimentistas de uma vida literária. Surgiu grande em seu primeiro livro sem sofrer mutações sensíveis a sua maneira de escrever nas obras posteriores. E porque já encontrara o seu estilo amadurecido por tantos impactos e tantas experiências próprias de uma vida atuante, porém meditativa.

Vindo em socorro de semelhante asserativa, afirma o Prof. Wolfgang Kayser, em seu importante trabalho de pesquisa "ANÁLISE e Interpretação da Obra Literária" referindo-se à Escola de Munique: "peculiaridade da chamada escola de Vossler reside precisamente em interpretar o sistema linguístico pessoal dun poeta, como, expressão de sua personalidade. Assim, Vossler interpreta o estilo dum determinado escritor como um "lugar animéo"; como um "magneto ou polo" "ao qual se liga uma corrente de formas significativas linguísticas, como as há ocasionalmente e espalhadas em tôdas as linguas de todos os tempos e povos; da sua cristalização resulta um ordenado sistema linguístico pessoal". E, quando Leo Spitzer reconhece a necessidade de elaborar um quádro total de um determinado estilo, êle entende que se deve "reunir tudo quanto num autor seja estilisticamente notável e relacioná-lo com a sua personalidade".

É, pois tendo em vista tudo isso, que, dentro dêsse quadro que, não obstante todas as restrições e dúvidas que se lhe possam apresentar, ainda assim, mais que qualquer outro, acentuada originalidade e inegáveis traços de perpetuidade e selvagem beleza.

★

Dante

(A Bruno Enel)

Dantesco amor, que se tornou benvindo
A epopéia dos mortos revelara.
O Inferno — onde o Pecado jaz infindo,
E o Purgatório — que purificara

Todo Arrependimento, além sublindo
Ao Paraíso — onde só a Graça é cara!
Vidente e poeta, foi na dor fluindo
A Divina Comédia, que sonhara!

No além salvando um mundo aquém perdido,
Mensageiro de Deus foi por destino,
Embora até entre os seus incompreendido!

Mas Dante, como o Cristo, peregrino
Da Cruz, vencera o tempo. E além do véu...
Até Beatriz o compreendeu no Céu!

Lourival Santos Lima

(No VII Centenário de Dante Alighieri, Lido no encerramento do Curso "L E C T U R A D A N T I S" patrocinado pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, Estado do Paraná, em 4-12-1965).

Poema do último Natal

Pedro Pereira Martins

Era o Natal!...
Ele estranhou a grande estrêla
brilhando desmesuradamente,
tôda a noite,
sôbre os terraços do casario alvacento...
Êle ouviu, ao subito silêncio dos galos
que anunciavam a madrugada,
o cântigo maravilhoso dos anjos
ecoando nas alturas...
E encontrou, já quase ao amanhecer,
nos limites da cidade,
os pastôres que, ansiosos,
tangendo as ovelhas inquietas,
demandavam o presépio...
Êle viu, ao sol da manhã, chegarem os reis
em seus camelos arreados de presentes
e que estavam à procura de um outro rei...
Era o Natal!...
Mas o Cristo — Jesus!... êle só o conheceu
anos, séculos, quase dois milênios depois,
quando o Natal era já, apenas, um fato comercial
e nunca cruz igual a daquele,
não numa colina solitária,
mas no fundo abismo de sua vida,
num tropel enfurecido,
as suas próprias esperanças o crucificaram!...

Ponta Grossa, Natal de 1967

MUDANÇA

por A. Garibáldi

Esta ventura não é minha, é tua:
Fôste tu que m'a dêste, humanamente,
Na hora em que me viste, ao sol-poente,
Amarfanhado pelo dôr mais cruz.

Essa, dôr, essa dôr cortaste-a rente
Com um sorriso, como espada nua.
E uma ilusão dentro de mim flutua
Como o perfume dum luar doente.

15 de Setembro a 6 de Dezembro

Dilly Luiz Wambier

Quando a minha memória se volta para o passado de Ponta Grossa, nestes dias festivos de setembro, em que a alma pontagrossense procura, na efusão dos seus mais legítimos sentimentos, reverenciar os homens e as coisas de ontem, não é a data de 15 de setembro que me ocorre. E a de 6 de dezembro. É neste dia que o meu respeito e a minha admiração pelo passado encontram raízes mais firmes e profundas, relacionadas com o início de nossa vida municipal.

O 15 de setembro lembra mais uma efemeride religiosa, ao contrário de 6 de dezembro, que recorda um evento cívico.

Em 15 de setembro de 1823 criou-se, pelo Decreto Imperial n.o 15, do Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Imp.rio do Brasil, segundo diz a história, "nova Freguesia com o rogo de Senhora Sant'Ana, em um lugar vizinho da Capela denominada Casa de Telha, no bairro de Ponta Grossa, distrito da vila de Castro, Bispado de São Paulo".

Como se verifica, um acontecimento que nada tem a ver com a fundação de nossa cidade, ela que Ponta Grossa, como bairro de Castro, já existia há vários anos. Freguesia, convém remetê-lo, era naquêle tempo o que hoje é uma Paróquia da Igreja Católica.

Observe o amável ouvinte: a Freguesia foi criada em 15 de setembro de 1823 e em 12 de fevereiro de 1792, isto é, 31 anos antes, as autoridades competentes praticavam ato oficial mencionando o nome de Ponta Grossa. Trata-se da nomeação de Inácio dos Santos feita pela Vereança da vila de Castro, para o cargo de "Capitão de Mato do bairro de Ponta Grossa".

Temos, dêsse modo, que 15 de setembro, de modo algum, registra o aniversário da Fundação da Princesa dos Campos, pois que, na verdade, ninguém sabe quando Ponta Grossa foi criada, ou melhor, em que data, exatamente, ela principiou a formar-se, embora saibamos que o processo do povoamento dos Campos Gerais, por gente de São Paulo, começou com o primeiro requerimento de terras da região visitada pelas bandeiras paulistas entre 1631 e 1636, requerimento êsse datado de 19 de março de 1704 e subscrito por José de Góis e Morais, de uma das famílias mais importantes de Piratininga.

Dito isso, relativamente ao 15 de setembro, vejamos o que teria acontecido em 6 de dezembro.

Nesse dia, nos idos de 1855, na modesta residência de Joaquim Procópio de Souza e Castro, Ponta Grossa, que se tornara vila em 7 de abril do mesmo ano, começou a ter vida administrativa própria, com a instalação da respectiva Câmara Municipal.

Para tanto, veio de Castro, a que pertenciamos, o cidadão Joaquim José Borges, Presidente da Edilidade castrense, autoridade incumbida para presidir o grande acontecimento histórico.

Dez horas da manhã.

O secretário do Presidente, de conformidade com o protocolo elaborado, procede à chamada dos 7 cidadãos eleitos pelo povo e diplomados nos têrmos da lei vigente.

Responderam presente:

1. Joaquim Procópio de Souza e Castro
2. Francisco Martins de Araújo
3. Jerenisio Alvares Carneiro.
4. Alexandre Ferreira da Rocha Carvalhais
5. Frederico Martinho Bahls.
6. Cândido Xavier de Almeida e Souza
7. Joaquim Matheus Branco e Silva

Prestaram, solenes, o juramento da época, sôbre os Santos Evangelhos. Prometem, "de boa e sã consciência, sem dolo nem malícia, servirem de Vereadores, prometendo tudo quanto fôsse a benefício de seus municipes", conforme reza a ata da sessão.

O Presidente Joaquim José Borges recebe o juramento feito e dá por instalada a primeira Câmara Municipal de Ponta Grossa, reportando-se, no corpo da própria ata, às divisas da vila que nascia, nos têrmos da lei que a criara.

— — —

Como ninguém sabe quando Ponta Grossa surgiu em consequência do tropelirismo; e tendo em conta os eventos que os dias 6 de dezembro e 15 de setembro expressam, tenho para mim que a data, que mais de perto diz respeito à nossa vida política-administrativa, também devia merecer comemorações condignas. Foi dali de humilde casa particular, servindo de sede provisória para o seu Govêrno, que Ponta Grossa começou a projetar-se no futuro, até tornar-se a Princesa dos Campos dos tempos modernos, cheia de vida, estuante de vontade de prosperar e com um grande trabalho a realizar em pról dos superiores interêsses da sua gente e da grande Pátria.

Minha memória, como disse de início, se volta para aquêles modestos e rústicos cidadãos, que compuseram a nossa primeira Câmara Municipal, a fim de render homenagens ao seu trabalho desbravador e pioneiro na pública administração pontagrossense.

A êles, por conseguinte, aos camaristas da Ponta Grossa de dezembro de 1855, em meio às festas que se desenvolvem nestes lindos dias de setembro, a minha homenagem de respeito e de admiração, a par dos votos, que formulo neste instante, para que sempre sejamos dignos da honradez e do patriotismo com que aquêles homens souberam conduzir os momentos iniciais de nossa vida comunal.

Os Santos Evangelhos, que serviram de inspiração àqueles Vereadores, nestes dias estranhos e tristes de agora, possam exercer salutar e legítima influência no espírito dos cidadãos a quem o povo confiou a espinhosa e ingrata tarefa de dirigir os destinos de Ponta Grossa!

Que o espírito religioso inspirador do 15 de setembro de 1823 se una, se entreleace e se harmonize com o espírito cívico que presidiu à cerimônia de 6 de dezembro de 1855, para a maior grandeza do nosso povo e de nossa terra, sob as bênçãos piedosas do nosso Eterno Senhor!

Nota: — Palestra proferida pelo autor na Rádio Difusora, durante as festas da Semana da Cidade.

(Trabalho inédito do sandoso escritor no pontagrossense).

L'énigme de le Sphinx de Sandoz

Nous voici attiré par une composition à trois faces dans un même bloc et qui nous propose, toute tournante qu'elle s'avère, au moins une énigme. Cette statue détriplée a la magie d'un sphinx. Le premier était nous représente une femme de face, nue, un genou en terre, l'autre ployé au premier plan avec le raccourci le plus irréprochable de la cuisse. Le bras gauche est plié en deux, le coude appuyé sur le genou droit et la main perdue dans les cheveux, précisément d'une coiffure dite "à la sphinx", la sphinx étant un sphinx femelle. Le sphinx est en principe une abstraction de l'Egypte pharaonique.

Chacun le connait. Il est le symbole déifié du temps, l' avenir ou le passé. Il joue aussi le rôle d'un oracle. Mais bien que la estature égyptienne n'était jamais été un article du exportation, on a retrouvé en Grèce archaique et même renaissan te des sphinx un peu partout. Ces sphinx ont une autre expression que celle de l'énigme du sphinx du sphinx du désert, proche la pyramide de Chéops. Le sphinx grâce à une expression particulière, moins massive et plus troublante que celle de l' égyptien, et l'on s'est souvent demandé ce qu'il en était dans les sociétés d'archeologie jusqu'au jour où l'école d'Athènes a mis à faire la lumière des sphinx d'une haute antiquité dont le thorax s'adornait d'un paire de seins magnifiques. Cejour-là, les archéologues ont pu clamer leur Eurêka et ils ont compris que les sphinx grecs sont étrangers ou pharaoniques, sont des sphinges et qu'ils expriment non le temps et son mystère, mais le mystère non moins lancinant de l'âme et du coeur de la femme, et telle est la raison pour laquelle, nos dames les sphynges s'allongent souvent devant les temples d' Aphrodite et de Déméter. Dès cette découverte on écrivit beaucoup sur les sphynges. Une grande dame se déguisa en sphinx à l'ocasion d'un bal chez le Comte Etienne de Beaumont, et le coiffeur Curverville, artiste capillaire qui est dans son art ce que Bourdelle fut dans le sien, inventa la coiffure à la sphinx.

Elle consiste en une chevelure féminine coupée pour aboutir un peu plus haut que les épaules et partagée en deux puissantes touffes, l'une à droite l'autre à gauche avançant ses flocons de manière à cacher les oreilles et à cerner complètement l'ovale du visage. La femme ne sourit plus qu'au fond de ces cheveux.

Le modèle de Sandoz porte une coiffure à la sphinx et elle est énigmatique de trois façons différentes, mais énigmatique au possible du haut de son nu bien modelé, sensuellement stylisé et qui ne peut être que baroque. C'est le cas de dire avec le poète:

L'homme a mille désirs en son âme morose;

Il partage ses voeux.

Mais vous pensez toujours, vous, à la même chose

Au fond de vos cheveux.

A la même chose, mais à quoi? Cette question résume l'invincible attrait de la statue tripartie de Sandoz et trouble le spectateur saisant que se beauté étrange. Le motif de face dans l'attitude que nous avons décrite est serein et sourit vaguement comme pour défier. Les deux profils sont d'une égale lascivité, l'un ironique et raccrocheur, l'autre dépite et triste. Dans les trois attitudes — d'ailleurs compliquées le modelage du corps est ramené par une synthèse habile aux simples lignes, aux simples surfaces lisses susceptibles d'ajouter aux expressions et à cet égard technique l'oeuvre est tout simplement un chef-d'oeuvre parfait, parfait et sugestif car il y a toujours lieu de préciser ce qu'a voulu dire Sandoz en nous plongeant dans le trouble de sa réussite.

La sphinx d'ailleurs n'est qu'apparente. Une sphinx en son symbole éternel ne peut comporter qu'une seule expression.

La statue de Sandoz en a trois, à vrai dire, se complètent pour n'en créer qu'une, mais, question toujours pedante, quel est le symbole, le sens profond. Nous connaissons une déesse qui peut-être permet, par rapprochement, une explication sinon une interprétation. Cette déesse porte un nom qui est tout un programa, c'est l'Astarté Syrica où d'aucuns ont cherché d'ailleurs faiblement l'origine de Marie de Magdala et qui, après avoir décolé l'Asie grecque, viet à Rome, sous le nom de Venus de Syrie, offrir un exemple sacré aux impératrices syriennes qui, selon la chronique, eurent une conduite plus édifiante que la sienne. Cette Astarte Syrica prétendait que son empire confinait aux bouges de Sodome et aux palais de Gomorrhe.

Et pourtant ma douceur asservit l'univers
Qui tressaille en échos de ma voix trop connue
L'Hellade raffinée et l'Odient pervers,
Encensent mon idole immuablement nue.
J'ai des temples muets où la douleur s'endort.
Des palais somptueux aux affolants dédales,
Inclinant à mes pieds l'orgueil des aigles d'or
Les Césars suppliants ont baisé mes sandales.
Ma cruauté savante alme la trahison
Cléopâtre s'élève à la grandeur suprême,
Mais celui que je perds regarde à l'horizon
Le vent de la défaite emporter ma trirème
Pourtant vous ne saurïez, peuples, me mépriser
Vos malédictions sont plus beaux hommages.
Vous pouvez me haïr et vous pouvez briser
Le porphyre et l'airain qui fixent mes images
Telles l'Astarté Syrica, la reine des luxures. Et ce sont ces vers rutilants qui nous apportent peut-être l' explication de cette énigme sandozienne.

Mr. le Prof. Emile Schraub Koch.
(Genève, Suisse).

Trovas indígenas de fundo sarcástico

(Transmitidas, oralmente, por índios tupiguaçus, de Mato Grossa, e traduzidas e adaptadas por Paris Antonio S. Michaele).

Originals nheengatus do ano de 1948

I

Macaca tuluê, paá,
Culmbica ahé okuáu;
Asurupi, iané pá
Mundé çuí,inti olauáu.

Tradução :

Dizem que macaco velho
Nunca se deixa enganar;
Ao contrário, o coração
Nunca cessa de apanhar.

II

Cariua puxyuéra olkô,
Anhangá opinima ahé;
Tutá opimi i pó,
Tiputy, i túru popé.

Tradução :

"Português" é bicho máu,
Foi pelo diabo pintado;
Sua mão vomita fogo,
Tem bôca, em lugar errado.

III

Cariua,ndé tinguaçú,
Cariua, macaca sáua;
Andirá ce py pyéra,
Ce manioca ndé reú.

Tradução :

Homem branco, nariz grande,
Como o macaco, és peludo;
Morcego chupou meu pé,
Comeste mandioca e tudo.

IV

Irára oú lané ira,
Iauareté, capiuara;
Ma,cariua plá-puxy,
I mucáua-tucaçara.

Tradução :

Irara comeu o mel,
Onça grande, a capivara;
Mas, é o branco cruel
Que a espingarda nos dispara.

V

Cariua retamuçú,
Curumi pixy laué;
Ahé olumunhã teen,
Ma, acanga-ayua reté.

Tradução :

"Português", como nação,
Parece um guri peralta;
Muito cresce na armação,
Mas, muito juízo lhe falta.

Fundação de Ponta Grossa

RIBAS SILVEIRA

O povoamento dos Campos Gerais foi começado em 1704, por iniciativa dos nobres potentados paulistas José Gois de Morais e Pedro Taques de Almeida secundados por outros membros da ilustre linhagem, que no mencionado ano requereram grandes sesmarias no território paranaense, abrangendo desde a margem esquerda do rio Itararé às cabeceiras do rio Tibagi. O povoamento processou-se lentamente devido mela dúzia de fatores adversos, de maneira que, pelo ano de 1820 o bairro de Ponta Grossa contava cerca de 1000 mil habitantes, entre homens livres, escravos e gentios, dispersos numa área superior a quatro mil quilometros quadrados, que se estendia das cabeceiras do rio Tibagi às barrancas caudaloso Ivai.

Entretanto, era um rincão extraordinàriamente rico, encerrando mais de três dúzias de fazendeiros abastados e instruídos, que almejavam construir uma cidade independente e progredir, auferindo os benefícios da civilização, tornando-se um baluarte da Pátria, celeiro da provincia e lúzeiro fé cristã.

Aos 13 dias do mês de Julho de 1821 o grupo de fazendeiros abastados do bairro de Ponta Grossa (nome citado em documento de 1771) encaminhou um requerimento a S. M. o Príncipe Regente, por intermédio da Câmara Municipal de Castro, solicitando a autorização para fundar a freguezia de Ponta Grossa, a rógo da Senhora Sant'Ana. O requerimento não obteve imediata solução, por falta de pessoa prestigiosa que patrocinasse na Côrte os interesses pontagrossenses.

Sabendo que o Coronel Luciano Carneiro Lobo, riquíssimo fazendeiro e pessoa muito estimada no paço imperial (que lá estivera por ocasião do casamento de Dom Pedro com numerosa e luzida comitiva, prodigalizando Cavalhadas e touradas à côrte de Dom João Sexto) estava tratando de idêntico negócio com relação à Jaguariaíva, onde morava, o grupo de Pontagrossenses ilustres delegou poderes a Joaquim Carneiro Lobo para entender-se com seu irmão no sentido do nobre patriarca e chefe militar da região, dos Campos Gerais, prestasse valiosa colaboração à causa pontagrossense.

O Coronel Luciano preparou-se para ir à Côrte despachando em sua frente uma bela tropa de quinhentas novilhas, como presente à família imperial. Um mês depois seguiu Luciano Carneiro com destino à Capital do país, sendo carinhosamente recebido no paço de São Cristovão pelo Imperador Dom Pedro Primeiro, que atendeu ràpidamente os seus requerimentos decretando num só dia a fundação de Ponta Grossa e Jaguariaíva.

No dia 25 de Dezembro de 1823 compareceram à capela denominada Casa de Telhas, situada na atual Vila Vilela, entre as ruas Dom João Sexto e Alvaro Alvim, cerca de trinta fazendeiros do bairro de Ponta Grossa com suas famílias, afim de assistirem a Santa Missa do Natal, celebrada pelo Padre Joaquim Ferreira da Fonseca, fazendeiro e morador no distrito. Depois da cerimônia religiosa, enquanto os fiéis se apresentavam ao redor do Vigário para celebrar os batizados, Joaquim Carneiro solicitou aos presentes um minuto de atenção, prometendo-lhes agradável surpresa. Sacou de dentro de um canudo artístico pergaminho, lendo em voz alta o ALVARÁ régio que criava a freguesia de Ponta Grossa.

DECRETO No 15
DE
15 DE SETEMBRO DE 1823

"Eu o Imperador Constitucional e defensor Perpétuo do Império do Brasil, faço saber que atendendo ao que por consulta do "Mero" de consciência e ordem subiu à minha imperial presença — Hei por bem crear uma nova Freguezia, com o rógo da Senhora Sant'Ana em um lugar visinho da Capela de de Telha, digo Capela denominada Casa de Telha, no bairro de Ponta Grossa, distrito da vila de Castro, do Bispado de São Paulo, ficando desmembrada da mesma villa, servindo-lhe de limites o rio Pitanguy atravessando toda a latitude da vila de Castro e formando um meio círculo que vai fazer barra no rio Yapó, devendo pertencer todos os moradores além do Pitanguy e Tibagy, à esta nova Freguesia. Este se cumprirá como nela se contém, sendo passado pela chancelaria das ordens e valerá como carta posto que em seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo de ordenação em contrário, sendo revestido nos Livros da Câmara do Bispado de S. Paulo, nos da Freguezia e dos que com ela confinarem. Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1823. Segundo da Independencia e do Imperio. Imperador com guarda. (a) Caetano Pinto de Miranda Montenegro".

Finda a leitura do documento os presentes prorromperam em Vivas ao Imperador; Vivas à nova freguesia, e Vivas à Senhora Sant'Ana, protetora perpétua da família Pontagrossense.

Quando serenou o entusiasmo dos convivas, Joaquim Carneiro retomou a palavra: —

— Meu irmão esperou dois meses no Rio de Janeiro para que o Alvará régio fosse registrado nas repartições competentes. Sòmente a 18 de Novembro pôde Luciano afastar-se da Côrte fazendo toda a viagem a cavalo, gastando trinta e poucos dias devido às chuvas.

Depois de observar a assistência durante um minuto, como a pedir-lhes maior atenção, Joaquim Carneiro bradou com entusiasmo:

— Aproveitemos a data magna da cristandade para batermos a primeira estaca da futura cidade de Ponta Grossa!

Travou-se amistosa polêmica entre os presentes a respeito do local onde deveria ser erigida a primeira Igreja da freguesia, servindo de ponto de irradiação da futura cidade. Domingos Ferreira Pinto, católico fervoroso e que já possuía um oratório em sua fazenda, sediada no local onde atualmente se eleva a igreja de São Sebastião (chácara Madalena, antigamente) pretendia que a futura Matriz fosse erigida em terrenos de sua propriedade junto ao rancho de seu agregado Jerônimo Vieira, à beira da estrada geral das tropas do Rio Grande. Atanagildo Pinto Martins, o bravo sertanista pontagrossense que em 1815 desrobriu os campos de Palmas (oferecia larga faixa de terras maravilhosamente planas, no rincão de Uvaranas, para servir de núcleo da futura cidade.

As razões apresentadas por um e por outro grupo se contrabalançavam. Finalmente, Domingos Mariano Ribas, que desfrutava assinate prestigio entre os seus conterrâneos, propôs que se elegesse arbitros da questão a um casal de pombos domésticos. O alvitre foi aceito por unanimidade. Apanharam um pombo na choça de Jerônimo e outro na casa de Atanagildo e os entregaram a um peão de confiança que, acompanhado pelos representantes das partes interessadas, conduziu os colombinos dentro de uma gaiola a fim de soltá-los num determinado ponto da estrada, calculando o melo do caminho entre os sítios disputados.

Atanagildo Pinto Martins acompanhado pelos amigos regressou à sua casa na varzea do Jaguarão, todos montados em fogosos cavalos e mui satisfeitos, prelibando a vitória no pleito. Domingos Ferreira com seus parentes se dirigiram ao futuro pátio da Matriz, resando pelo triunfo de seu ideal.

Libertado o par de pombos (lambos machos) no ponto intermediário, com uma fita vermelha amarrada na perninha de cada um as aves fizeram ligeiras evoluções nos ares e foram pousar numa figueira silvestre, existente defronte ao rancho de Jerônimo Vieira na colina tradicional. Estava lançada a semente da futura Princesa dos Campos. Todos concordaram com a providencial escolha, tecendo louvores ao belo panorama que se descortinava. No mesmo dia foi erigida uma cruz ao lado da figueira assinalando o local da Igreja Matriz.

Domingos Ferreira Pinto fez imediatamente a doação de uma área de uns cincoenta alqueires para servir de patrimônio da Igreja, confirmando-a por escritura pública em janeiro de 1830, quando foi intalado o primeiro Cartório da freguesia.

Em Outubro de 1828, Antonio Ferreira da Luz legou à igreja o rincão da Ronda, com área superior a cem alqueires. Dona Lili Ferreira, em 1830, doou terrenos para as bandas da Ronda, confinando com Mingote; logo após, o cidadão Carlos de Oliveira, neto dos antigos hemgeiros, fez doação de vasta gleba ao lado direito da Igreja "indo até o Pontão dos Bugres", isto é, abrangendo grande parte das matas de Olaria. O benemérito pontagrossense Joaquim Procópio de Souza Castro, a 20 de Junho de 1840, entregou por escritura pública à Matriz de Santa Ana grande área de terrenos centrais, a começar do Largo do Rosário rumo ao Norte até o Campo das Orfãs, com divisas naturais bem definidas. Nos anos posteriores, as famílias tradicionais — Ribas, Ferreira e Martins, ainda doaram pequenas glebas à Igreja de Santa Ana. Nossa prefeitura, desde 1830 começou a traçar o arruamento através dos terrenos da Mitra, sem dar satisfação a ninguém. Os antigos vigários da paróquia e, principalmente o Padre Anacleto, que pontificou durante 37 longos anos, só se preocuparam com o engrandecimento de sua fortuna particular.

Jerônimo Vieira, homem piedoso e trabalhador, por iniciativa própria construiu imediatamente uma capela com paredes de taipa leve (estuque)) coberta de taboinhas, que durante mais de dez anos serviu de Matriz à incipiente freguesia.

Os fazendeiros secundaram seus esforços com esmolas, materiais e mão de obra, fornecendo os paramentos para o culto divino, e o fizeram com liberalidade e grandeza.

A igreja matriz definitiva foi sagrada em 1842 prenchendo as honras do culto divino até meados de 1897, em que foi iniciada a construção da Catedral, sob a direção do Padre João Batista de Oliveira, que a inaugurou em Julho de 1901.

Figuras Ilustres da Imprensa Pontagrossense

Manoel Machuca

Há uma figura de imprensa, em Ponta Grossa, que muito se destaca.

Referimo-nos ao Sr. Manoel Machuca, Digno Diretor da Rádio Clube Pontagrossense, a veterana P. R. J. 2.

A sua vida de incontestável pioneiro, em mais de um setor dsa atividades humanas, é realmente merecedora da nossa admiração mais sincera. É que, embora natural de Curitiba, a sua eficiente e ininterrupta ação sempre se exerceu no Interior do nosso Estado, principalmente em Ponta Grossa.

Podemos, mesmo, dizer que, graças ao apêgo e entusiasmo que devota a esta cidade, êle é agora um pontagrossense exemplar, a quem todos muito devemos.

Com efeito, desde que, aqui, definitivamente passou a residir grande tem sido (e valioso), o acêrvo de serviços por êle prestados, como é enorme a lista de empreendimentos que vem realizando ou de que tem firmemente participado.

Bastaria mencionarmos, além da referida P. R. J. 2, pioneira no gênero em todo o Interior do Paraná, e de outras Estações de Rádio (em Paranaguá, Irati, Curitiba, Londrina, etc), as numerosas emprêsas e companhias comerciais e industriais, a que se acha ligado, os melhoramentos urbanos, as sociedades científicas e culturais em geral, e muitas coisas mais.

Neste último setor, devemos à sua inquabrantável fibra de lutador a fundação da Sociedade Pontagrossense de Amadores da Astronomia, que é a mais antiga do Paraná. Além disso, tomou parte na criação de outras entidades, como o Centro Cultural Inter-Americano (atual Centro Cultural Brasil-Estados Unidos), Centro Cultural "Euclides da Cunha", Museu dos Campos Gerais, Sociedade Filatélica (a mais antiga do Interior), Scabi (Sociedade de Cultura Artística "Brasílio Itiberê", União Brasileira dos Trovadores (núcleo de Ponta Grossa), e outros centros e institutos de diferentes espécies.

Pena fluente e inspirada, sempre a serviço das boas causas; espírito lúcido e independente, de grande versatilidade; enfim, personalidade dinâmica e compensiva, cujo ardor combativo jamais arrefece ou se deixa abater-eis, em poucas palavras um ligeiro esbôço das invejaveis qualidades do nosso companheiro de lutas, Sr. Manoel Machuca.

Praza aos céus que, por muitos anos ainda, aqui o tenhamos entre nós, para novos e importantes comettimentos.

NORMALISTA

Normalista!
Poema azul e branco
Das manhãs ensoaradas
Derramas sorriso franco
O matutina beldade
Pelas ruas da cidade.
Vais a caminho da escola
Onde te chama o dever.
E do teu porte se evola
A alegria de viver!

Normalista!
Saudo-te emocionada
O jovial andorinha.
Da estação primaveril.
Es o sorriso da aurora
Que sobranceira caminha,
Meiga, faceira, gentil.
Hastil mimosa que enflora,
Es esperança de glória
Do grande e amado Brasil!

Maria Eulina dos Santos Schena.
Do Centro Cultural Euclides da Cunha.

Expedições e Descobrimentos no Paraná e Santa Catarina

(Um Capítulo do livro inédito "Conquista do Planalto Catarinense", da autoria de Cyro Ehlke).

f) As expedições curitibanas de exploração do rio Iguaçu e dos sertões do Tibagi. O descoberto e as incursões pelos rios Negro brimento dos campos de Palmas e Canoinhas. Ainda as explorações do Cel. Jacques Ouriques.

Por ordem do D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Matheus e Capitão General da Capitania de São Paulo, tiveram curso, de 1768 a 1773, uma série de explorações no rio Iguaçu ou do Registro (1) abaixo, e aos sertões do Tibagi.

Essas bandeiras partiam de Curitiba, e tinham por finalidade o melhor conhecimento das terras do Brasil Meridional, entre estas as de sudoeste, e o extremo na navegabilidade do rio Iguaçu. E mais: a exemplo do que já havia sucedido ao sul, com a definitiva ereção do povoado de Lages, em 1766, objetivava-se, com isso, conter as expansões castelhanas igualmente a sudoeste com a afirmação de posse e domínio lusitano até às barrancas do rio Paraná.

Organizaria e provisionaria as ditas expedições em Curitiba, o ajudante de ordens e delegado do Capitão General da Capitania de São Paulo, Cel. Afonso Botelho de Sampaio e Souza, e seriam inicialmente 4 bandeiras, de 100 homens cada, contratando, porém, as ordens de D. Luiz Antonio, organizou ele as expedições como pôde, e estas foram 12, tendo ele próprio seguido na expedição de 1771 a 1772

A primeira a descer o rio Iguaçu ou do Registro, (também chamado, até certa altura, Rio Grande de Curitiba, outras ocasiões Goio-Covó e finalmente Iguaçu), foi a bandeira comandada pelos Tenentes Domingos Lopes Cascaes e Bruno da Costa Figueiras.

Compunha-se de 30 homens, todos voluntários, sem soldos, alguns com apenas 705000. Seguiram dêles de Curitiba para o **"Porto de N. Senhora da Conceição de Caiacanga"**, no rio Iguaçu, onde chegaram a 5 de dezembro de 1768. A 6 de igual mês e ano, punham-se em descida, rio do Registro abaixo, em 3 canoas, navegando por ele coisa de 70 léguas, até transpor os primeiros saltos. No extremo em que chegaram, deixaram seguramente três assinalamentos. Um dêles ficou representado numa cruz lavrada em grande pinheiro, e os outros dois, acima da maior queda feita pelo rio Iguaçu, ambos em grandes pedras, "com um picão", onde lavraram novas cruzes, e por baixo delas as letras: V. R. P. (3)

Esses primeiros exploradores, ao que tudo indica e leva a crêr, pertenciam, em 1768, em território catarinense dos atuais municípios de Pôrto União e Canoinhas, pois exploraram, primeiramente embarcados em canoas e depois a pé, os cursos dos rios Timbó e Paciência, da margem esquerda do Iguaçu, (ambos antigamente chamados Mogi-Grande e Mogi-Pequeno), como seguidamente comprovaremos. Dessas explorações, em Curitiba, a 11 de abril de 1769, publicaram a **"Relação Sumaria da Viagem que Fizemos pelo Rio do Registro Abaixo" (4)**

Contando em léguas o caminho fluvial percorrido, desceram e terem verificado a confluência do rio das Pedras (pela margem direita) e Negro (pela margem esquerda), e mais adiante igualmente o Potinga, vindo do lado paranaense, antes do qual, na confluência mencionada, descobriram uma grande ilha, "de 200 braças de comprido", a qual, inegàvelmente, é a que se conhece, no Iguaçu, à altura onde o município catarinense de Canoinhas faz divisa com o Estado do Paraná, pelo atual distrito de Paula Pereira.

Desta ilha, navegando 3 léguas mais, pela margem esquerda, encontraram o "Rio de Mogi Pequeno", (atual Paciência), que apresentava na foz a largura de 15 braças. Prosseguindo, abaixo mais três léguas, estava outra ilha, (esta de "100 braças de comprido") e, 1 légua depois, com a largura de 50 braças na foz, o "Rio de Mogi Grande", igualmente pela margem esquerda.

Ambos dêstes rios foram explorados, na volta, quer em canoas até onde a sua utilização se fazia possível, quer em marchas terrestres, ao limite de suas respectivas nascentes com as serras próximas, entre as quais evidentemente a do Espigão, pois, em seu relatório, dizem os itinerantes mais o seguinte:

"Na volta tiobem exploramos o Rio de Mogi Grande, subindo por elle acima tres dias embarcados, e por não admitir mais navegação subimos por terra outros quatro dias, e dos mais altos cumes se não vio mais que os mesmos matos monstruozos (sic)" (5)

Prosseguem, dizendo:

"Tiobem pelo Rio de Mogi Pequeno fizemos a mesma deligenmais pequena, por não admitir nada, subindo embarcados na canoa vegação as grandes, quatro dias, e se não vio mais que a mesma qualidade de matos, e carrasquinhos (6)

Essas penetrações, comprovadas documentalmente, encontram ainda uma certa concordância na tradição oral, colhida pelo autor em Canoinhas, sobre a existência de sinais, ou setas indicativas de caminhos percorridos, pois se afirmava, correntemente, que, às margens do atual Timbó, logo ao se atravessar a serra, eram muito conhecidas as enormes lages com cruzes e setas gravadas na rocha, indicando direções. A lenda e a superstição, **porém, envolviam-nas** e enfeitavam-nas como misteriosos tesouros escondidos por missionários jesuitas e, como são acontecer em tais casos, foram comuns as destruições dêsses eventuais assinalamentos, por parte de pessoas menos avisadas, que iam à caça de supostos cabedais ali ocultos. Dessa forma, pois, fica grandemente prejudicada a exata comprovação histórica, nesse particular.

Não iremos, todavia, além de afirmar que apenas essa primeira expedição deu ali entrada, seguramente, que outras foram realizadas, descendo igualmente o Iguaçu, e a última, sabidamente a 16 de outubro de 1769, com 85 homens e 2 comandantes, dividida em duas esquadras, em intervalo de dias, em 7 e 9 canoas, respectivamente. Conquanto, ao que referem, tenham ultrapassado o limite da primeira exploração, e repetido, em parte, as marchas terrestres realizadas pela bandeira de Bruno da Costa Figueiras e Domingos Lopes Cascaes, não parece evidenciado que tenham palmilhado o Sul do Iguaçu. Depois desta quinta e última expedição, ao Iguaçu, outras foram feitas ainda por ordem de Botelho Mourão, o Morgado de Matheus, mas estas apenas para o oste paranaense.

O DESCOBRIMENTO DOS CAMPOS DE GUARAPUAVA E DOS DE PALMAS — NOVAS EXPLORAÇÕES DO IGUAÇU

Ocorreu, em 1810, com o descobrimento dos campos de Guarapuava, a fama da existência de outros campos, mais ao Sul, que seriam, os atuais de Palmas, onde os paulistas, no passado, já haviam feito incursões, consoante demonstrado em capítulos anteriores. Em razão disso, alguns sertanistas, dinuzeram-se redescobri-los, tendo-os como de primeira exploração. O primeiro, a organizar-se para tanto, foi José Ferreira dor Santos, que dirigiu a sua expedição dos campos de Palmas, até um lugar denominado Alagoa. Neste tempo, ou seja, em 1839, Pedro de Siqueira Côrtes, e interiar-se, acededor, desejou associar-se àquele sertanista, sendo entretanto repelido.

Forma então outra sociedade, e, pondo-se igualmente em marcha para os referidos campos, abriu nova rotação pelo rio Iguaçu, atravessando-o mais abaixo do passo já descoberto e, assim, saiu nos campos de Palmas em sua maior extensão. Pondo-lhes fogo, como era praxe para formalizar a posse, e a posse, volta de viagem pela direção mais curta e, em caminho, encontra-se com a expedição de José Ferreira dos dos Santos, com a qual mantém conferência sôbre a redescoberta e posse dos mesmos campos. Serenados, contudo, os ânimos, decidem por em arbitragem a ilegitimidade de cada qual, e mandam buscar, para isso, de Curitiba, dois juízes, que foram o Conselheiro João da Silva Carrão e Joaquim José Pinto Bandeira. Estes saíram de Curitiba a 4 de abril de 1840, pondo fim à contenda e dividindo os descobrimentos. De volta, um dos árbitros Joaquim José Pinto Bandeira, resolve voltar pelo nôvo passo do Iguaçu, descoberto por Pedro de Siqueira Côrtes, homem empreendedor, e dessa nova passagem. Explora, nessa oportunidade, (já se estava a 4 de agôsto de 1840,) o rio Iguaçu e alguns dos seus afluentes, inclusive o Negro e o Canoinhas. Por ocasião, está determinada altura, verificando que o dito rio não possuía, na parte inferior, cabedal suficiente de água, no que contrastava com a descrita largura de cêrca de 50 braças, no foz. Este relato, que está contido na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (7), é prova mais cabal de que a redescoberta dos campos de Palmas, por bandeirantes curitibanos, provocou, incidentalmente, novas entradas dêstes ao sul do Iguaçu e, portanto, em território hoje catarinense, isto já por volta de 1840.

OS CAMPOS DE "SÃO JOÃO"

Mais tarde, iriam os mesmos paulistas ou curitibanos a outros campos, ainda ao sul do Iguaçu, que chamariam Campos de São João, muito próximos dos de Lages. Pretendendo havê-los descoberto por primeiro, põem-lhes igualmente fogo, para marcar a posse e a descoberta, mas a quantidade tão intensa faz com que os grossos fumos sejam avistados por o fazendeiro de Lages, que, em vista disso, vão até ali e têm com os paulistas algumas altercações. Essa e outras novas penetrações paulistas fazem com que o governador da Capitania, General Antonio de Brito, fundamentasse o primeiro protesto catarinense, reclamando contra autoridades paulistas nos campos de Palmas, sustentando que todo o território ao Leste do rio Santo Antônio e ao sul do Iguaçu pertencia à sua Província.

Ficaria registrado, dessa forma, em 1844, o início da disputa lindeira entre o Paraná e Santa Catarina, após a desincorporação daquele, da Província de São Paulo, a que pertencera como 5.a Comarca.

Emancipado em 1853, herdaria o Paraná a contenda que passou a ter com Santa Catarina, em tôrno dos ainda mal configurados limites das respectivas Provincias.

AS EXPLORAÇÕES DO CEL. JACQUES OURIQUES

Rio Negro já era povoado, e assim também Papanduva e Lucena (hoje Itaiópolis) quando, em 1882, sendo comissário Imperial de terras no Paraná o engenheiro Cel. Alfredo Ernesto Jacques Ouriques, vai êste, em comissão especial do govêrno daquele Estado, a uma série de explorações na região do ex-Contestado. De suas investigações dos rios Iguaçu, Negro, Canoinhas, Timbó, da serra do Espigão, do morro Italó e das cabeceiras do rio Itajaiaçu, deixou êle publicado amplo relatório, por nós já referido, dando as características geográficas que colheu e fornecendo detalhes dos então ainda mal conhecidos rios Timbó e Canoinhas.

O rio Canoinhas foi por êle explorado desde a foz até as nascentes, e não havia indício algum de povoamento às margens, até 1882. Apenas a riqueza da flora e da fauna, em suas mais abundantes espécies, bem como sinais visíveis da presença de aborígines.

O rio Timbó, afirmava: "nasce na serra do Espigão, atravessa-a em seu prolongamento de Oeste e, depois de parecer dirigir-se para o Sul, desse a cair no rio Iguaçu, pouco acima do Pôrto da União."

Examinam os expedicionários de Jacques Ouriques, o curso todo desse rio, e entre êles se encontravam: Antônio Carlos Rodrigues de Lima, Gaston Pinot, Petterli e Costa Pereira Júnior. E' por essa ocasião que se demonstra que o citado rio, contràriamente ao que se supunha, não poderia ser confundido com o rio do Peixe, do mesmo significado, segundo a toponímia tupi-guarani.

Encerrava_se, por essa maneira, o ciclo das incursões e das bandeiras, que deixaria marcadas suas definitivas influências nos futuros limites, em povoamento da região.

E a vez, agora, de historiarmos o tropeirismo, e os primórdios do povoamento.

. . . . . .

(1) nota do autor. chamava-se próprìamente "Rio do Registro" ao curso inferior do Iguaçu, onde existia um registro da passagem do gado vindo das campanhas do Sul; daí para diante, ao receber as águas do Rio Negro, passava êle a chamar-se Iguaçu Goio-Covó da linguagem Uaingang Umas e outras vêzes, porém, chamava-se ao "Rio Grande de Curitiba.;

(2) — O "Pôrto de N. Senhhora da Conceição de Cajracanga" era o atual Pôrto Amazonas, no Iguaçu;

(3) As iniciais "V. R. P." eram marcos próprios de tôdas as expedições ordenadas por D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, e significavam: "Viva o Rei de Portugal";

(4) Rev. do Arquivo do Est. de S. Paulo. "Documentos Interessantes", vol. IV, pgs 54 a 57. Coelho Rodrigues, "Questão de Limites";

(5) M. I. Coelho Rodrigues, obra citada, pgs. 664;

(6) autor e obra referidos, pgs. 664;

(7) revista referida, vol. 4.o, ref. 1851, pgs. 425 a 438

El Problema del Espacio

(Para la Revista Tapejara).
Por M. A. Raúl Vallejos

El problema de la existencia de un espacio euclideo y de otros de distinta naturaleza, es una de las cuestiones esenciales que se plantea el pensamiento físico y geométrico moderno. La concepción de un espacio de otra estructura, distinta al que presenta el sostenido por el libro de matemática Euclides (320/260 A.C.), es uno de los puntos sobre los cuales se ha detenido con mas frecuencia en estas últimas décadas la investigación geométrica.

En este sentido, la obra desarrollada por un conjunto de matemáticos, ocupa un importante lugar en el proceso evolutivo de las ciencias exactas. Se ha concebido, así, la existencia de espacios distintos al euclideo, en cuya formulación ha tenido un papel muy significativo la corriente de la física relativista, cuyas elaboraciónes acerca de un espacio de más de tres dimensiones, ha concretado el esfuerzo de renombradas mentalidades de las disciplinas matemáticas, geométricas y físicas, como también del campo de la lógica. La existencia de un espacio no euclideo, ha logrado posteriormente un apreciable desarrollo en los sectores de la física relativista.

Todo ello revela la presencia de un pensamiento innovador, que supera las antiguas concepciones del período clásico de las ciencias, para situarse frente a las exigencias que plantea la investigación de la naturesa física. El anhelo de conocer eficientemente las características del espacio y del tiempo y sus propias condiciones para definirlos, han conducido a un análisis a fondo de ciertos problemas geométricos de cuya importancia, por las mismas razones de la evolución lógica de la mentalidad humana, no pudieron reparar las grandes figuras de la Antigua_dad Clásica. Por ello, el problema de la estructuración que presenta el espacio físico, es una de las cuestiones que se empieza a tratar en un período relativamente reciente y ello es debido, también al avance que verifican las nuevas teorías acerca de la constitución del universo.

La vigencia del espacio euclideo, fué realmente amplia, y por ello, la obra que posterior-mente, por los estudiosos relativistas y los representantes dellas modernas tendencias de la física, configuran una tarea de revisión y de crítica a fondo de la obra de las figuras clásicas de las ciencias geométricas, ya que aparecen nuevos métodos descriptivos y otros tipos de análisis del espacio. De las tres dimensiones correntes que presenta el espacio euclideo, la geometría de la GEOMETRIA, surge un espacio multidimensional, que presenta un número mayor de dimensiones y que el matemático utiliza de acuerdo a las mismas exigencias de sus razonamientos algebraicos. Su razón de ser se apoya en la necesidad de considerar un tipo de espacio, que es utilizable ante el mismo

(Continúa na página)9

El Problema del Espacio

(Continuação)

desarrollo de sus edificios geométricos, y precisar, en la medida de sus recursos axiomáticos, su forma de existencia lógica. De esta manera, el conocimiento de la validez lógica, tiene especial transcendencia en los sectores del pensamiento físico relativista.

La existencia de un espacio o espacios no euclídeos, ha servido para el empleo de ciertos tipos de razonamientos lógicos, a los afectos de determinar las características que lo definen. Se habla así de un espacio de varias dimensiones, con un mayor número de los que ofrece el adoptado por el autor de los tres libros de los ELEMENTOS. De esta suerte, se comprende que, es más amplio el número de formulaciones que es preciso utilizar para conocer las notas inherentes a su estructura. Se considera, enorme, entonces, hasta el número limite de las dimensiones exigibles para desarrollar los calculos propios de la física relativista, que establece una concepción más avanzada de la gravitación y del campo físico.

El espacio de la relatividad tiene más dimensiones que el presentado por el euclídeo y el conocimiento de las condiciones inherentes a su estructura, es adecuado para conocer las formulaciones que, acerca del espacio, sostienen las teorías más novísimas. Con todo ello siendo el espacio euclídeo algo se utiliza más comúnmente, la importancia que adquiere el no euclídeo frente a las modernas investigaciones relativistas es innegable. Por otra parte, es preciso destacar los progresos que se han efectuado hasta el presente en el conocimiento del concepto del espacio y de sus existencia lógica.

Todo esto ha contribuido al análisis de los diferentes tipos de espacio utilizables frente a las condiciones de la realidad física y que, algunas concepciones teoréticas consideren de radical significación para estudiar el aspecto lógico de la existencia de un sistema de referencia y de axiomas fundamentales. Por otra parte, el espacio multidimensional adquiere un resaltado desarrollo, merced a la labor cumplida por los más prestigiosos físicos relativistas, que han llegado a fundamentar un espacio de la naturaleza mencionada. Independientemente de la precipitada tarea, nos encontramos ya que, el espacio no euclídeo tiene un papel indiscutido en el estudio de la estructura del espacio físico.

Se han podido determinar las condiciones necesarias de carácter conceptual, para establecer las características de los espacios euclídeo y no euclídeo. La ciencia física desarrolla su labor destinada al conocimiento de los elementos geométricos lineales con que cuenta el espacio y los recursos algebraicos que se requieren a los efectos de precisar su naturaleza objetiva. El moderno pensamiento lógico, ha ganado mucho en su tendencia a examinar la validez de las concepciones teoréticas, cuestión que, por otra parte, preocupa evidentemente a los investigadores en medir el valor epistemológico de sus formulaciones conceptuales.

De esta suerte, se ha avanzado positivamente en el conocimiento de la estrutura de los espacios euclídeo y no euclídeo y ello se debe principalmente a la influencia ejercida en los distintos sectores de las ciencias exactas por el pensamiento relativista, en lo que ha transcurrido del presente siglo.

En este sentido, la obra de los defensores de las concepciones relativista, ha contribuido muy especialmente al conocimiento de las dimensiones que necesita el espacio para ser geométricamente exacto y como desarrolla, a través de sus ecuaciones, un tipo desespacio distinto al tetradimensional, es decir, de un número superior al precipitado espacio sostenido por el genio de Euclides, sabio que floreció en el primer periodo de la cultura alejandrina.

Por ello, la lógica geométrica ha sufrido las consecuencias fructíferas de las recientes concepciones físicas, y se han preocupado por determinar, los investigadores, la validez objetiva del tipo de espacio con los cuales especulan los relativistas y los defensores de las doctrinas científicas modernas.

El problema de un espacio de más de tres dimensiones es muy especialmente una cuestión de carácter lógico, ya que solamente una lógica, en armonía con las conquistas logradas por las asignaturas exactas, puede precisar la naturaleza y el grado de existencia que es posible conceder a esa concepción defendida por el pensamiento matemático. En esta dirección, la epistemología científica tiene una positiva tarea que cumplir, a los efectos de precisar los postulados exigibles para la construcción de un espacio que supera, por el número de sus dimensiones, el definido por el genio del autor de los tres libros de los ELEMENTOS.

El avance vigoroso del pensamiento científico y especialmente el que contiene a las recientes teorías físicas, conduce inevitablemente al conocimiento de concepciones más revolucionarias, con las cuales no es posible emplear los principios de la lógica tradicional, sino que, por el contrario, es apropiado emplear un nuevo tipo de análise lógico. Además, destacando el aspecto gnoseológico, aparece, también, la moderna lógica de las ciencias, consagrada a examinar la evolución y la trayectoria de las ideas científicas y de los principales estadios evolutivos de las distintas disciplinas cultivadas por el intelecto humano.

Todo esto favorece al avance de la lógica de las ciencias y, así, mismo para afianzar las teorías del conocimiento que encuentran, de esta suerte, nuevos elementos para evolucionar y aplicarse al estudio de los recientes avances de la mentalidad científica. Además, en la actualidade, la transcendencia lograda por las geometrías no euclídeas es muy significativa, de suerte que ello explica la importancia que las mismas tienen frente a las teorías relativistas.

Sin duda alguna, no es posible negar que el espacio euclídeo tiene una indiscutida vigencia en el curso de la evolución de las ciencias geométricas, y los mismos axiomas presentados por su admirable genio, revelan la solidez que revisten los elementos fundamentales de su geometría. Sus concepciones teóricas han servido para análisis provechosos de un conjunto de grandes matemáticos y a la estructuración de un espacio de distinta naturaleza, lo que tiene especial vinculación con un estudio a fondo de los lineamientos de la obra del distinguido genio de la Antigüedad clásica. La construción de otros modelos de geometría, tarea ya iniciada en el transcurso del siglo pasado, ha permitido la aparición de espacios no euclídeos, en los cuales los postulados de ese autor no tienen ya la validez axiomática, que se le concediera durante muchos siglos. Nos encontramos entonces que, de acuerdo a las geometrías no euclídeas, es posible construir teoremas que resultaban imposibles de solucionar de acuerdo al criterio sustentado por Euclides.

Muy posteriormente, se han presentado un conjunto de matemáticos que lograron realizar construcciones independientemente de los postulados sostenidos por el matemático griego en sus concepciones geométricas. Ello nos sirve para demostrar la importancia de la labor cumplida por estos investigadores modernos que han construido las bases para la estructuración de distintas geometrías, en las cuales no tendrían vigencia los principios asentados por Euclides.

Todo esto ha servido para el análise de un espacio de más de tres dimensiones y para desarrollar, en una forma muy provechosa, las direcciones principales del pensamiento de los modernos matemáticos y geómetras. Se revela entonces que, un espacio no euclídeo tiene el mismo grado de validez lógica que el espacio euclídeo, de suerte que se ha llevado, en este estadio del progreso científico, a eliminar de una manera bastante efectiva las contradicciones internas y los elementos alógicos que pudieran encerrarse en tales concepciones.

La aparición de las nuevas teorías ha contribuido indiscutiblemente al estudio, bajo otros aspectos, del problema del conocimiento del espacio físico objetivo y del papel que les corresponde desempeñar, frente al mismo, a las geometrías multidimensionales, especialmente de d_n aquellas que consideran, en sus cálculos, la presencia de un espacio cuatridimensional ó cuatridimensional.

De esta manera, el estudio y la interpretación del problema del espacio adquiere otra significación al ser consiperado por una geometría no euclídea y ello explica, en parte, la trascendencia que adquieren las geometrías novísimas, para establecer las dimensiones que es necesario contar para los cálculos que verifican los teóricos relativistas.

El problema de la determinación de un tipo de espacio adquiere un valor esencial en el pensamiento moderno. Se trata ahora de ofrecer al estudio, un espacio de más de tres dimensiones, destinado a ser desarrollado a través de las ecuaciones d_n la física. De esta suerte, el espacio euclídeano es superado por un espacio que tiene la propriedad de poseer más dimensiones que el estudiado por el eximio matemático griego.

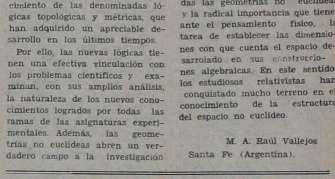
Con toda razón, debe considerarse el aspecto gnoseológico de estas etapas del pensamiento científico, para comprender la conveniencia de emplear un espacio no euclídeo en el curso de las investigaciones de los físicos de nuestros siglo. Se presenta como una cuestión de verdadera importancia, el análisis de la validez de los diferentes tipos de espacio que la investigación matemática de los geómetras es capaz de ofrecer con sus ideas renovadoras.

De esta suerte, adquiere una excepcional importancia el problema lógico de la existencia de los diferentes tipos de espacios no euclídeo y las bases sobre las cuales se apoyan los científicos para estructurar sus edificios teóricos. Sobre este aspecto, el análisis lógico adquiere especial transcendencia, ya que la misma lógica polivalente evolutiva y se situa en el mismo plano de las nuevas conquistas ideológicas de las asignaturas exactas. Esto explica el naciniento de las denominadas lógicas topológicas y métricas, que han adquirido un apreciable desarrollo en los últimos tiempos.

Por ello, las nuevas lógicas tienen una efectiva vinculación con los problemas científicos y examinan, con sus amplios análisis, la naturaleza de los nuevos conocimientos logrados por todas las ramas de las asignaturas experimentales. Además, las geometrías no euclídeas abren un verdadero campo a la investigación sobre las propiedades inherentes al espacio. En esta dirección la labor desplegada por algunos físicos relativistas es de notoria significación, ya que por ellos se ha avanzado positivamente en la consideración de los diferentes tipos de espacio, adaptables a las condiciones expresadas por el pensamiento matemático y geométrico. Se explica, por ello, el indiscutible desarrollo obtenido en los últimos tiempos, por todas las geometrías no euclídeas y la radical importancia que tiene, ante el pensamiento físico, la tarea de establecer las dimensiones con que cuenta el espacio desarrolado en sus construcciones algebraicas. En este sentido, los estudiosos relativistas han conquistado mucho terreno en el conocimiento de la estructura del espacio no euclídeo.

M. A. Raúl Vallejos
Santa Fe (Argentina).

INDIO



À memória de Ronald de Carvalho e Manoel Bomfim.

índio pradeiro, de tamãhawk,
que uivas como um furacão;
índio soturno da praia agitada,
gigante da pedra e mago da ciência;
índio fibroso da serra andina,
que os astros dominas da aurora do mundo;
índio invencível da falda e do bosque,
amigo da vida e amante do brio;
índio meu índio,
por sêres assim,
por seres quem és,
não vejo a América sem ti.

Faris Antonio S. Michaelis
(Do livro TITÃS DE BRONZE)

Palavras del Doctor Gandia

Palabras pronunciadas por El Dr. Enrique de Gandia En El Instituto Argentino Brasileiro de Cultura El Dia 15 de Noviembre de 1962.

Senor Ministrovan de Camargo:

Usted, cultísimo y excelso poeta, gloria de las letras brasileñas, acaba de presentarme a los senores oyentes de Radio Rivadavia. Gracias. Muy emocionadas, por la generosidad de sus palabras.

El Brasil recuerda, en estos días, en solemes actos de homenaje, la proclamación de la República. Y La Argentina se une a estos actos con el fervor de una amistad antigua y fuerte. Argentinos y brasileños debemos recordar que somos las naciones más grandes y poderosas de la América del Sud. Nuestra unión tiene un valor decisivo en la marcha de la humanidad. Hemos nacido de un destino comun y estamos frente a un mismo destino. Este coble destino ha sido y es el de la Libertad. En la historia nos une el descubrimiento de nuestras costas que recorrió el gran piloto, el italiano Américo Vespucci. Desde el Brasil partió, en 1521, la expedición de Alejo García que descubrió el Paraguay y llegó a los confines de la actual Bolivia. Las noticias que recogió esa expedición, de la Sierra de la Plata y del Lago donde dormia el Sol, hicieron que Sebastian Caboto se decidiera, en la costa del Brasil, en 1526, a remontar el Rio de la Plata para llegar al imperio de los Incas. Diez años más tarde fue en la plata de Rio de Janeiro donde la expedición de don Pedro de Mendoza, con su gran tragedia, resolvió la primera fundación de Buenos Aires. Más tarde, la penetración de los bandeirantes en la inmensidad de América, preparó la creación del virreinato del Plata. Cuando llegaron los anos de la invasión napoleónica en España y en Portugal, fueron hombres de Buenos Aires los que ofrecieron traer como reina, al Rio de la Plata, a la infanta Carlota Joaquina, la mujer del regente don Juan, que dominaba la política en su palacio de Rio de Janeiro. En los años de nuestra independencia nos disputamos la actual República del Uruguay, a la cual terminamos por darle vida independiente, y estuvimos unidos en la common defensa de la libertad.

Hoy, Brasil y Argentina deben resolver iguales problemas políticos. Unos son económicos; de orden interno; otros son de orden externo. Las dificultades que debemos vencer son inmensas; pero muy fácil nos será resolverlas si seguimos nuestra tradición común de orden, de progreso y de libertad. En nuestras tierras se cruzan tres corrientes internacionales. Nuestros pueblos saben trabajar. Nuestros pueblos, por encima de sus divisiones, son hermanos. Nuestros. Ellos no olvidan que tienen un enemigo en tierras lejanas que pretende hundir nuestra libertad y sumirnos en la miseria y en el caos para dominarnos. Brasil y Argentina poseen la extensión de costas más extensa del mundo. Unidos somos dueños del territorio continuo más rico y más grande de la tierra. Nuestra unión es una de las salvaciones de la Humanidad. Una gran parte del mundo tiene los ojos en nosotros. Stefan Zweig, aquel gran amigo del Brasil y de la Argentina, dijo que el Brasil es la tierra del futuro. Hoy podemos decir que junto el Brasil como la Argentina son la tierra del presente. A nosotros, brasileños y argentinos, corresponde la iniciativa en la lucha suprema de los pueblos libres por la conservación de nuestra cultura platónica, aristotélica y cristiana.

ENRIQUE DE GANDIA

BIBLIOGRAFIA - (Continuação)

"Die Urnenbestattung bei den Tupi-Guarani", "Verhandlungen des XXXVIII. INAERNAATIOLEN AMERIKANISTENKROGRESSES Stuigart-München", de José Vicente César, SVD.

A Ordem Católica do Verbo Divino está intimamente ligada à reabilitação dos chamados povos primitivos. A partir do extraordinário padre Wilhelm Schmidt, em suas pesquisas e trabalhos de catequese, entre os pigmeus do Congo, nunca cessou o Verbo Divino de enviar espíritos esclarecidos e decididos a tôdas as partes do globo, de cuja tenacidade, preparo e compreensão têm saído inúmeros trabalhos de primeira plana, como é dre Vicente César, já nosso, como o caso das monografias do conhecido e companheiro de estudos, em outras épocas, pois bem, o meticuloso e sempre atuo lizado antropólogo faz um aprofundado estudo sôbre as urnas funerárias dos tupis (encontradas em vários pontos de S. Paulo e Paraná), estabelecendo comparação com outros grupos. Mas, o exame aí procedido abrange, igualmente, interpretação lúmio ergológica como espiritual ou animológica, donde, em têrmos precisos, objetivos e didáticos, a possibilidade da enumeração dos diversos mitos, práticas e crenças, relacionados com os referidos implementos. Aliás o Padre César já tem realizado palestras e conferências universitárias em Ponta Grossa, as quais têm sido muito concorridas. Atualmente, êle dirige ANTHROPOS DO BRASIL na cidade de S. Paulo, exercendo, igualmente, aí a Cátedra Universitária.

—

"UM CICLO DE CULTURA SOCIAL", PA^NEL", de Olyntho Sanmartin.

Dos intelectuais brasileiros mais voltados à história literária, social e política do Extremo-Sul Brasileiro, lugar de merecido destaque cabe ao Snr. Olyntho Sanmartin.

Autor de mais de vinte trabalhos importantes e de interêsse permanente (como "BANDEIRANTES NO SUL DO BRASIL", "CAMINHOS SECULARES", "IMAGENS DA HISTORIA", "BENTO MANOEL RIBEIRO" e outros), êle conquistou essa merecida fama e prestígio, graças ao seu espírito de tolerância, curiosidade intelectual, intensa busca nos anais e documentação, além de acendrado amor às coisas do paço, inspiração incessante para as criações e realizações de seu brilhante talento e sua invejável cultura científica e humanística.

Por isso, foi com satisfação e reconhecimento que recebemos o seu livro "UM CICLO DE CULTURA SOCIAL, seguido de "PA^NEL". No primeiro, com muita naturalidade e conhecimento de causa, o nosso confrade riograndense descreve cenas e relembra vultos da sociedade e intelectualidade de então, trazendo à tona pequenos detalhes e ocorrências, que muito nos interessam e informam, no sentido da compreensão dos homens e das épocas: Roque Callage, Alcides Maya, Emilio Kemp, Zeferino Brasil, Pedro Vergara, Alfredo Varela, Ernani Fornari, Darcy Azambuja, Rubens Barcellos e tantos outros astros do firmamento das letras si desfilam, qual a qual mais cordial e cheio de desejo de plena auto- afirmação.

Por outro lado, "PAINEL" nos traz outro coeficiente de magnífica dados, juízos e testemunhos, a respeito de Mário Trotta, Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos Casemiro de Abreu, Eduardo Prado, Álvaro Maya e vários mais, além de preciosa interpretação dos primórdios da evolução da literatura riogrndeense, e duma substanciosa e exemplar crítica da ARTE MODERNA.

"LENDAS AZTEKAH", Juan Luna Cárdenas.

Se há na América um polígrafo digno da nossa admiração, pela sinceridade, espontaneidade e incontestável alcance de seus temas e produções, êsse é o intelectual mexicano, Juan de Luna Cárdenas. Ao lado de Portino Ibarra de Anda, êle constitui a dupla mais representativa do verdadeiro espírito da América Nativa, daquela que se não envergonha da herança colossal dos antepassados mayas, aztecas, toltecas, incas, aymarás, chibchas, tupi-guaranis, aruaques e muitos mais. Do vibrante e lúcido Cárdenas já temos publicado artigos de filosofia, história e, até, caracterização do conquistador do México: "EL BANDIDO CORTES," que saboreamos como a mais adequada e corajosa afirmação contra os "gachupines" ou espanhóis da dupla face e realização. O presente trabalho é de divulgação da cultura azteca, no setor das lendas, que incluem, até, uma dos vulcões. Antes, havíamos recebido vários temas a respeito de línguas indígenas que merecerão especial referência, noutro livro que estamos preparando.

O Snr. Juan Luna Cárdenas é diretor do Instituto de Línguas, da cidade do México e da Sociedade U. TI I. Azkeatl (Apartado Postal 8433).

"Leyendas Aztekah" é traqução do Principe Kuauhpilli Kuitlahuiak Xokovotzin, dos tempos coloniais.

—

"Excelsitude", "Tolstoi e os Caminhos da Rendenção", "Imagens para Meditação, Humanismo PSICODINAMICO", "QUERÊNCIA", DE VALFRIDO PILOTO.

O Paraná, ao contrário do que se possa propalar noutros pontos do país tem, também, seus estilistas e amantes da boa vernáculidade.

Dentre êles, sobressaí-se Valfrido Pilôto, cujos trabalhos, ao lado de semelhante cuidado da forma e linguagem, sempre brindam, igualmente, com novas criações, contribuições e bem documentadas contestações, nos diversos setôres da cultura, que infinita é a sua riqueza interior, como prodigioso o seu discernimento, justamente numa época de tanta confusão e mistificação, como é a nossa. Piloto é fiel à Provincia e fiel à sua responsabilidade de bem encaminhar as gerações, através da linguagem escrita e, por vêzes, da falada. Por isso, os seus livros estão sempre imbuídos do propósito louvável de restabelecer a verdade, fira a quem ferir, mas, com, dissemos, sempre se atendo à documentação e bibliografia crítica especializada.

"EXCELSITUDE" é uma coletânea de poesias publicadas e recentes como diz o autor, mas, nas quais, em livres, bem, inspirados e bem expressivos versos, nos é dado sentir a gama tôda dos sentimentos e a intuição feliz da ilimitada potencialidade da mente humana, em face de aflelos contatos e de si mesma.

"TOLSTÓI E OS CAMINHOS da Redenção", Valfrido Piloto reafirma aquela vivacidade, penetração e independência, por que seu brilhante espírito tanto se impõe, fazendo de seus trabalhos verdadeiros repositórios de saber e bom-senso. Tolstói é, aí analisado à luzes novas, sem paixão nem injustiças, sem a clássica versão que fazia dêle o pai dos anarquistas e solitários e sem as conclusões dúbias dos eternos inimigos das vidas autênticamente vividas. Ele, em boa verdade foi também um ponto de referência na árdua jornada pelos caminhos da redenção do homem. "IMAGENS PARA MEDITAÇÃ" reúne poucos mas substanciosos e comunicativos estudos sôbre Erasmo, Lorca, Russell, Kafka, Anatole France, além de páginas sôbre violência, história e colonialismo. Qualquer dêsses escritos poderia, sem exagêro, figurar em antologias e leituras selecionadas, tal a limpidez, correção e, mesmo, elegância que apresentam.

—X— —X— —X—

"HUMANISMO PSICODINAMICO" e "QUERÊNCIA" são obras de finalidades bem diferentes.

Enquanto a primeira, num rápido e desprestensioso estudo, nos põe, ante os olhos, a vida e obra de Rudolf Steiner, o cérebro privilegiado que soube divulgar, na Europa, os mistérios e sutilezas da Teosofia, abrange, a última quase vinte perfis e apreciações, referentes a vultos e elementos do Paraná de todos os tempos, estendendo-se, as composições, das primeiras explorações do Estado às mais recentes manifestações artísticas, científicas, literárias, históricas, etc.

Mas, o que, sobremodo, merece o nosso aplauso, neste portentoso e modelar conjunto de trabalhos, é o seu elevado teor de PARANISMO, tão necessário, agora que mais se nos pretende despersonalizar.

Mosaico"." O Bem e o Mal", Silhuetas", "Coelho Netto e as Epoptes", "Orações Acadêmicas", de Paulo Coelho Neto é um digno herdeiro do sangue e do nome de seu ilustre pai. Com efeito, seu zêlo e carinho em preservar a herança intelectual do que foi o príncipe dos prosadores brasileiros" é coisa que ninguém contesta. E de ver a impetuosidade, competração e intransigência justificada, com que fulmina, de quando em quando, os supostos críticos e donos da cultura, sempre prontos a denegrir ou profanar os grandes vultos de nossa Pátria. Mas, não é apenas nisso que refulge o seu brilhante espírito. Paulo Coelho Netto é autor de quase 30 obras de comprovado valor, versando todos os assuntos, da medicina ao próprio campo do conto e da novela. Quem quiser compenetrar-se do que afirmamos, que leia, por exemplo, o seu discurso de posse na Academia Carioca de Letras, ou o seu romance "Redenção", ou, ainda, "Relicário", de tanta afeição e naturalidade.

AUTOR INTEGRO, VIGOROSO, CONSCIO DO SEU PAPEL E DA SUA ARTE!

Elias Karam é não sómente o orador fluente e eloquente que todos conhecemos, mas também um jornalista, ensaista, historiador e crítico de pulso, conforme se deprende de seus livros: "UM PARANAENSE NAS TRINCHEIRAS da Lei" "Primado do Espírito" "COMOROS DE AREIA" e, agora, "Antistites de Curitiba". Neste último, como tivemos ocasião de dizer alhures, seu privilegiado espírito encarna o verdadeiro cristianismo, como representa, no setor da intelectualidade, a vitória da tradição sadia, da crítica modelarmente construtiva, do pensamento da cultura insofisticável sôbre o obscurantismo e fanatismo mais soezes, tão em moda atualmente, mesmo no seio das camadas clericais.

Elias Karam foi recebido na Academia Paranaense de Letras, há bem pouco tempo e a notícia está estampada noutra página desta edição.

Nossos agradecimentos e parabéns ao grande eucidiano:

—

"MENSAGEM DE UM MAGISTRADO ESCOTEIRO", de Luis Silva e Albuquerque.

Luis Silva e Albuquerque é um autêntico Mestre dos valores morais. Para isso, muitos são já os trabalhos que no-lo comprovam. Mas, por outro lado, temos nele, igualmente, um romancista de muita dinâmica e originalidade; um professor de larga experiência e poder comunicativo; enfim, um desembargador íntegro e criterioso, que se não envergonha de ser escoteiro. E êsse o assunto de seu último livro, mas que, bem estabelecidas as coisas, constitui, antes, uma humana e bem instrutiva narração das vicissitudes e alegrias que o leal e valoroso filho das Alagoas encontrou na vida.

RENOVAMOS, AQUI, OS NOSSOS PROTESTOS DE ESTIMA E ADMIRAÇÃO.

"5 HISTÓRIA CONVERGENTES", de Epaminondas Holzmann.

A literatura pontagrossense já apresenta alguns nomes de relêvo, nos diversos setores em que se divide. Entretanto, é notório que a poesia está em primeiro lugar.

Faltava um trabalho que, sendo biografia, reunisse também cenas e fatos da própria história da cidade, pondo em destaque e explicando o por que de muita coisa que hoje nos intriga. Essa proeza admirável realizou-a o sandosio jornalista pontagrossense, através do livro póstumo" 5 "História Convergentes", que compõe-a a reunião de cinco vultos, cada qual mestre no seu ofício: Jacob Holzmann, seu genitor, mestre; Casimiro dos Reis, juiz de Direito; José Cadilhe, teatrólogo; Francisco Burzio, médico; Hugo dos Reis, jornalista.

Examinondas, através de seu belo, sugestivo e bem estruturado trabalho, se revela uma pena lúcida e robusta, cunho do colorido e sobriedade, sem descambar para o confuso e imprecisa e de lamentar que não houvesse enveredado pela ficção a dentro, ainda sem vida.

Mas a semente está plantada e, por certo, germinará.

Os intelectuais pontagrossenses estão preparando uma série de homenagens à sua memória, partindo a iniciativa de Mestre Valfrido Piloto.

—o— —o— —o—

"Um Precursor da Justiça Social" (David Carneiro e a Economia Paranaense de Newton Carneiro.

Newton Carneiro, o brilhante parlamentar, eficiente professor, sereno crítico de arte, versátil e profundo conhecedor do Direito, é também, bibliógrafo e historiador dos mais proficuos, pertinazes e convincentes, e a prova está em "Um Precursor da Justiça Social", em que historia a vida de seu ilustre e humanitário genitor. Por meio dessa valiosa contribuição à nossa história político-social, ficamos sabendo que não é de hoje a presença providencial dos reformadores e promotores do bem-estar do proletariado, como não são de hoje as incompreensões e os obstáculos de todo porte. Entretanto, tudo isso é dito, de maneira suave, objetiva, inconfundível, mesmo, não obstante, como é óbvio, a densidade do material estudado ou analisado.

—o— —o— —o—

"Introdução à Dermatologia", de Raul Noronha Miranda.

O Paraná é, hoje, dos estados brasileiros que mais pesquisas fazem, nos diferentes setôres científicos. Em relação às doenças da pele, então, pontificam nomes como o de Raul Noronha Miranda, que tantos trabalhos notáveis já publicou, e cujo renome é mais que nacional.

A presente monografia, apesar da aridez do assunto, vem muito bem planejada, no sentido de ser compreendida pelo comum dos leitores, principalmente estudantes e estudiosos.

Outros livros serão comentados noutra ocasião.

BIBLIOGRAFIA - (Continuação)

"Obras de Dario Vellozo", Edição de Rosalia Garzuze.

Rozalia Garzuze desenvolve uma obra maravilhosa, em seu Instituto Néo-Pitagórico, fundado pelo inesquecível Mestre Dario Vellozo.

Assim é que, recentemente, houve êle por bem preditar os livros de seu imortal antecessor, dando já a lume o Volume I, que contém: Hórto de Lísis; Símbolos e Miragens; Do Retiro Saudoso; A Trança Loura; e Jesus Pitagórico.

Avante, pois, incansável e proficiente companheiro!

—0— —0—

"Quando Caem as Trevas", "Mulheres e Mais Mulheres", de Alceu Chichôrro.

Alceu Chichôrro não necessita de apresentação. O talentoso jornalista, poeta, cronista, historiador, crítico literário e professor da boa cordialidade, cujo pseudônimo é Eloi de Montalvão figura, sem favor, entre os vultos mais representativos da inteligência paranaense, em seus múltiplos aspectos.

Em **"Quando Caem as Trevas"**, êle reúne várias e interessantes poesias líricas, em que se sallenta a fértil inspiração do autor, seu bom gôsto na escolha dos temas e a sua maneira pessoal de dizer as coisas. Beleza, profundeza e sinceridade são atributos que aí não faltam. Mas, o ponto alto é a sua fidelidade filial, em seus comoventes versos à memória da da idolatrada genitora. **"Mulheres e Mais Mulheres"** é uma coletânea de gostosas e bem oportunas crônicas, jelativas ao belo sexo, através do mundo.

—0— —0—

O Homem Amazonense e o Espaço", "Bacia Amazônica" de Agnello Bittencourt.

A Amazônia tem seus estudiosos ilntérpretes próprios, isto é, os lá nascidos e, por isso mesmo, mais credenciados a falar a respeito de suas realidades e problemas. Um dêsses eminentes filhos daquela região é o Prof. Agnello Bittencourt, que, através de inúmeros livros e artigos, nos tem pôsto ao corrente do que lá acontece e da espécie de solução que se lhe deva oferecer. Nesses dois trabalhos êle, com muita acuidade, poder de descrição e atualidade nos conhecimentos, discorre, profusamente, sôbre tudo isso, deixando no leitor, a melhor das impressões.

Congratulamo-nos com o Prof. Bittencourt, pelo grande serviço que presta à Amazônia e ao Brasil.

—0— —0— —0—

"Creo en Ti, Juventud",— de Alberto A Roveda.

Alberto A. Roveda faz parte daquela brilhante intelectualidade portenha que se agrupa na União Cultural Americana, de que temos a honra de ser Sócio Correspondente. Muitos são os trabalhos da sua autoria. Mas, êste, que ora nos chega, se reveste de significação especial, porquanto vai dirigido à Juventude em palavras de Fé e Conclamação. Livro de elevação moral, de firmeza de atitude, de consciência democrática irrebativel, enfim, de recomendações múltiplas, que só as mentes privilegiadas e integras, em todos os sentidos, são capazes de empreender.

Que tão formoso e salutar breviário das gerações seja por todos lido e divulgado, e o que, de coração, desejamos.

—0— —0—

"Terraços da Noite", de Hélio Lopes.

Hélio Lopes é o nome de um crítico literário e professor, de notável capacidade e indiscutível talento interpretativo.

Em Ponta Grossa, já se tornou conhecido e admirado, em virtude das concorridas e brilhantes palestras, proferidas na Faculdade de Filosofia. Agora, porém, êle nos surpreende com **"Terraços da Noite"**, série de belas e profundas poesias, nas quais, não sabemos que mais louvar: se as magistrais imagens e metáforas do autor, ou se a fascinação do estilo e versatilidade dos assuntos, qual a qual mais humano e sugestivo.

"Cantigas em Serenata", de Orlando Woczikoski.

Orlando Woczikoski é o atual Presidente da União Brasileira dos Trovadores (Secção do Paraná). Trovador dos mais fecundos e perfeitos, a sua lira se expande, triunfante, dentro da maior simplicidade, beleza e inspiração. Daí que a sua ternura empolgue e seja contagiosa...

"A Informação Recuperada" de João Alexandre Barbosa.

O Prof. João Alexandre Barbosa, que aqui esteve, com a finalidade de ministrar aulas de análise literária, houve por bem, igualmente, oferecer-nos **"A Informação Recuperada"**, separata da Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n o 7. São Paulo, na qual, graças ao fino discernimento do Autor, são recuperados dois artigos de José Veríssimo, a respeito de Euclides da Cunha, resultando daí um reexame dos mesmos, o que redundou em novas luzes sôbre a tendência do artista de **"Os Sertões"** de tudo transformar ou refundir, estéticamente falando, mesmo os documentos mais antigos e empoeirados. Excelente trabalho, o do Prof. Alexandre.

"Rosas Vermelhas", de Antonio Salomão.

Dizem que os médicos geralmente dão bons poetas. E tal recebe confirmação nas dezenas de grandes figuras que a literatura brasileira apresenta. Mas, no caso do Sr. Antonio Salomão, o poeta pode muito bem dispensar o médico, pois estamos em presença dum poeta nato. Efetivamente, se analisarmos o teor das suas composições, com um pouco de paciência e objetividade, verificamos que elas traduzem ou sugerem tanta autenticidade no sentir e, principalmente, no incluir as coisas e sêres em geral, procurando-lhes uma atmosfera de maior compreensão e viabilidade no universo que nos criamos — para melhor identificação de nós mesmos — que nos achamos, de repente, como que enlevados pela naturalidade das composições e magia das imagens.

—0—

REVISTA, BOLETINS, JORNAIS e outros IMPRESSOS, Recebidos pelo C. C. Euclides da Cunha.

"Revista do Museu Paulista" — Vols. XII a XIX. São Paulo. Diretor: Herbert Baldus (recentemente falecido). Colaborações importantíssimas sôbre vários assuntos, assinadas por eminentes cientistas especializados.

"Staden — Jahrbuch", Band 18|1970. São Paulo. Diretores: Carlos Fouquet e Rudolf Lanz. Órgão do Instituto Hans Staden. Substanciosos artigos e atualíssimas informações sôbre ciência, arte, etc. sendo o texto em alemão.

"Kulturelle Vereinigungen im Brasilianisch — Deutsche Bereich, de Karl Fouquet.

Original e segurо trabalho pró-Aproximação teuto-brasileira.

"Familias Brasileiras de Origem Germânica".

Número especial da "Revista Genealógica Latina". Instrutíssimo repositório de linhagens e famílias já radicadas.

"Ciência e Cultura", órgão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência", Vol. 22, nos 2, 3 e 4. Como sempre, rico conteúdo em artigos, comunicações, relatórios e simpósiuns. A sociedade está, cada vez mais, impondo-se e recebendo novos associados.

"Revista Brasileira de Medicina", diversos números, Rio. Diretor: Prof. A. da Silva Mello Revista especializada, estampando trabalhos de muita relevância, nos vários setores da medicina.

"Sociologia", vários números, São Paulo. Órgão da Escola de Sociologia e Política. São Paulo. Diretor: Afonso Trujillo Ferrari. Além de artigos e pesquisas de índole sociológica, apresenta outros, sôbre antropologia, folclore, etc., da autoria de pessoas bem capacitadas

—0—

"Anthropica", Vol. 21, órgão do "Anthropos-Institut", São Paulo. Diretor: Pe. Vicente César. Artigos judiciosos a respeito da Vida e Obra do Padre Wilhelm Schmidt. Aqui, um trabalho em português, da autoria do Pe. Cesar.

—0—

"Afro-Ásia", órgão do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Salvador, nos 6-7 Diretor Waldir Freitas Oliveira. É um grupo admirável, o de Salvador, Estudos e pesquisas, abrangendo línguas e culturas africanas e orientais em geral, sânscrito, árabe, suali, pérsa, malaio, japonês, iorubá, etc.

"Letras, Revista do Departamento de Letras, da Faculdade Federal de Filosofia, Curitiba. Diretor: Rosário F. Mansur Guérios. Como das outras vêzes, êsta e variada equipe de colaboradores, versando importantes temas.

—0—

"Anais" (Instituto de Antropologia), Florianópolis. Diretor: Oswaldo Rodrigues Cabral. Esta revista contém comunicações e relatórios de grande interêsse e atualidade, a respeito do tema INDIO.

—X— —X— —X—

"Revista de Portugal", vários números. Lisboa.

Diretores: Antonio H. de Azevedo Pinto e Maria Amélia de Azevedo Pinto Farta colaboração nacional e estrangeira, sendo matéria predileta a de natureza lingüística.

—0— —0— —0—

"Boletim do Instituto Histórico, e Etnográfico Paranaense" 1963. Curitiba. Diretor: Dr. Newton Carneiro. O presente volume inclui artigos e estudos de escritores vivos e mortos, preponderando os de fundo histórico, todos muito adequados e instrutivos.

"Américas", órgão da União Pan Americana, Washington, vários números. Diretor: Guilhermo de Zéndegui. Revista atraente e substanciosa, ao serviço da aproximação inter-americana.

"Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueologicas", n o 1, Curitiba. Diretor: Igor Chmyz, Curitiba. A revista que o Prof. Igor Chmyz dirige é bem um retrato do trabalho que esta sendo realizado por essa equipe portentosa de professôres e auxiliares.

"Monografias": O Sítio Arqueológico" PR UV 1", "Acta Prehistórica", "Dados Parciais Sôbre a Arqueologia do Vale do Rio Ivaí", "Idem, do Vale do Paranapanema".

—0— —0— —0—

"Pesquisas Arqueologicas no Alto e Médio Rio Iguaçú", de Igor Chmyz

O Professor Igor Chmyz está hoje realizando pesquisas de grande importância para o conhecimento das origens e culturas pirehistóricas do nosso Estado. E essas bem conduzidas e proveitosas buscas bem que o comprovam.

"Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul", de Annette Laming-Emperaire," "Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica", "I, II e III. "Arqueologia da Área do Prata" (Separata). Estudos Leopoldenses. Autor: Igor Chmyz." **"O Sambaqui de Saquarema"**, de José Wilson Rauth.

Tôdas essas pesquisas foram realizadas por arqueólogos do Paraná; Igor, Rauth e Annette, o que vem demonstrar que os cientistas do Paraná se conduzem com muita localização, extração, classificação e interpretação do material a ser examinado.

—0—

"Revista da Academia Paulista de Letras". São Paulo, vários números. Diretor: Oliveira Ribeiro Neto. Discursos, conferências, trabalhos de fundo biográfico, folclórico, lingüístico, saídos da pena da mais categorizada intelectualidade.

Revista do Arquivo Municipal", vários números, São Paulo. Diretor: Francisco Pati. Esta importante Revista sempre traz colaborações de pêso, escritas por pesquisadores do Arquivo ou Mestres consagrados.

"Revista de Antropologia", vários números, S. Paulo. Diretor: Egon Schaden. Universidade de S. Paulo. Erudita e farta colaboração, nos vários setôres da antropologia e ciência social.

"Minerva", Faculdade de Filosofia da Ponta Grossa. N.os 1 e 2. Diretores: Josélfredo C. de Oliveira, Roberto K. Bowles e Paris A. S. Michaele. Estudos variados e de muita atualidade, realizados por professores e alunos.

"Mimese", n.o 2. Universidade Federal de Goiás. Diretores: Anaïle Ramos e Augusto Goiano. Belas e substanciosas páginas sôbre literatura, lingüística, antropologia, etc.

ICOM, Rev. da Unesco, vários números. Edit.: Claude Lacroix. Material imprescindível para museus de arqueologia e história.

"Boletim de la Unesco para las Bibliotecas," vários números. Instruções, notícias e informações fundamentais, referentes a bibliotecas.

"Boletim da Câmara dos Despachantes Oficiais de Angola," vários números. Diretor: Luis A. M. Pereira de Mello. Assuntos econômicos, administrativos, sócio-políticos, mas também literária e cultural em geral.

"Bibliografia Brasileira Mensal" vários números. Edição do Instituto Nacional do Livro, cuja Diretora, Dra. Maria Alice Barroso, ilustre intelectual carioca, tem tido a gentileza de nos enviar várias outras obras e publicações, de inegável valor, como: **"Jornal de Letras"**, o conhecido órgão de Elysio Condé, tão rico em trabalhos e elevado teor cultural, notas, informações e sugestões em geral.

"Revista do Livro", cujo conteúdo equivale ao de diversos livros de inegável densidade e proveito.

"Jornal do Escritor", Dr.: José Louzeiro. Outro órgão de notável presença no cenário cultural brasileiro. Magníficas reportagens, artigos, crônicas, etc.

Em nome do C. C. Euclides da Cunha, sinceros e profundos agradecimentos à eminente Diretora do INL, com votos de novas e brilhantes realizações.

BIBLIOGRAFIA - (Conclusão)

"**Lalasui**", Revista, do primoroso poeta e cronista, Sr. Assis Péres. São Paulo. — Destina-se ao intercâmbio cultural entre os povos, dando especial ênfase à atuação latino-americana e siro-libanesa em geral. Bom gôsto e entusiasmo.

—o—

"**Publicações do Centro de Estudos Lõprológicos**", vários números Universidade do Paraná. Esclarecedores dados e informações, com finalidade profilática.

—o—

"**Boletim do Museu Paranaense**", vários números. Diretor: Oldemar Blasi. O Museu Paranaense tem, agora, Sede condigna. Entidade indisutível valor cultural e didático, estava, porém, instalada em prédio velho e indadequado.
Graças ao Prof. Blasi (êsse probo, lúcido e incansável cientista), pode, daqui para frente, desenvolver mais atividades e apresentar melhores acomodações para as valiosas coleções aí concentradas.

"**Revelação**", Revista Espírita de Cooperação Social, Dir.: José Antonio de S. Thiago, Florianópolis.
Excelentes artigos de doutrina, material literário, notícias de interêsse geral.
Um dos baluartes da Revista: Dr. Arnaldo S. Thiago, nosso prezado e valoroso companheiro.

—o— —o— —o—

"**Unión Cultural America**", Bueno Aires, "Sisas Bodas de Prata". A conceituada Associação que reúne os intelectuais da América Latina comemorou Bodas de Prata, e neste folheto está contido o magnífico programa de comemorações.
Parabéns ao Grande Presidente: Prof. Alberto A. Roveda e digno com panheiros.

—o—

A Nova Diretoria do C.C. Euclides da Cunha está assim constituída:
Dr. Paris A S. Michaele: Presidente Perpétuo.
Sr. Deodoro Alves Quintiliano: 1.o Vice-Presidente.
Dr. Lauro Justus 2.o Vice-Presidente.
Prof. Egdar Zanon: Secretário Geral.
Snr Gilson Monteiro Cordeiro, 1.o Secretário.
Dr. Sebastião Nascimento Filho; 2.o Secretário.
Prof. Edgar Weller; 1.o Tesoureiro.
D. João Alves Ferreira; 2.o Tesoureiro.
Dr. Leonidas Justus; 1.o Orador.
Dr. Alvaro Augusto Cunha Rocha: 2.o Orador.
Dr. Nadji Thomaz; 1.o Bibliotecário.
Dr. Djalma Almeida César: Bibliotecário.
Profa. Arlahy de Meira e Silva; Diretora da Biblioteca.
Doutor Thiago Gomes de Oliveira; Vogal.
Conselho Consultivo: Dr. Gabriel Bacila, Snr. Isaias P. Montes, Prof. Antonio Armando Cardoso de Aguiar, Dr. Clyceu Macedo, Dr. Lourival Santos Lima, Dr. Joanides Albach, Dr. Flávio Ribeiro dos Santos, Sr. Felipe Justus, Snr. Vicente Barbur, Dr. Sylvio L. Zan, Prof. Dr. Adib Laidane, Prof. Pedro Pereira Martins, Prof. João Zubrzycki, Prof. Robert Karel Bowles e Prof. João Ricardo Borell du Vernay.

O Reabilitador da Memória do Cônego Fernandes Pinheiro - Menezes de Oliva

Para comemorar o término das obras do Palácio de Versalhes, que o tornavam dos mais belos do mundo, dera Luis XIV uma grande festa, expedindo convite às pessoas de maior projeção na política, na sociedade, nas letras e nas artes da Europa.

Dentre os convidados figurava o Doge de Veneza, que, por fôrça do fator econômico, era das personagens mais cortejadas da época.

Na noite da festa, quando todos os semblantes refletiam alegria e entusiasmo, viu o Rei, numa das últimas janelas da galeria dos Espelhos, o Doge, que, taciturno e só, olhava, com evidente enfado, o espetáculo soberbo que se descortinava lá fora: — as danças no pátio, as luzes multicores e os repuxos em plena movimentação. Julgando Luiz XIV, no primeiro momento, que tudo proviesse de um descuido do protocolo e, querendo afastá-lo, atravessou o salão e foi ao encontro do seu convidado.

— Diga-me, Senhor — inqueriu o Rei com fidalga elegância —, o que mais lhe causa admiração na minha festa?

— Sire —, respondeu o Doge, fazendo uma pequena curvatura —, é a minha presença aqui... Nunca uma resposta me pareceria menos polida e mais pretenciosa. E, desde então, coloquei o Doge de Veneza na galeria histórica das minhas antipatias...

Numa certa manhã de maio de 54, acordei em Veneza. Era a realização de um lindo sonho... Poucas horas depois surpreendia-me, com a sofreguidão de quem tudo quer ver, atravessando a Praça de S. Marcos, indiferente aos pombos, aos fotógrafos e aos vendedores de milho, a caminho do Palácio dos Doges. Quando lá cheguei, com a alma em festas, subi a Escada dos Gigantes, e, logo no primeiro andar, se me deparou a Sala do Grande Conselho repleta de quadros alusivos aos feitos maravilhosos dos doges Sebastião Ziani e Henrique Dandolo. Depois... fui andando por muitas outras e admirando, sempre as pinturas de Tintoreto, Paulo Veronez e de vários outros pintores dos séculos XVI e XVII. Num determinado instante, porém, após ter passado ao segundo andar, tive minha atenção despertada por uma série de bustos, alinhados numa galeria de estilo gótico, que logo me pareceram ser dos antigos figurões de Veneza. Punha-me a ler algumas das inscrições gravadas no soco dos pedestais, quando minha curiosidade foi desviada para um pequeno busto, que tinha, em compensação, um distico muito maior do que todos os outros. Soletrei-lhe o nome e fiquei em letrêiro recolhimento. Seria possível? Teria sido aquêle o convivaa de Luiz XIV?.. Lá estavam as datas extremas: 163-1703. Veloz me ao pensamento a cena do Palácio de Versalhes. Achei-o feio e antipático. E, com evidente má vontade, passei a ler a história das suas lutas com os genovezes a par das iniciativas que realizara como doge de Veneza. Mas, no final de tudo, em caracteres maiores e em maior destaque, como se fôra essa realmente a sua grande vangloria, a declaração que me encheu de inesperado pasmo: HA ONORATO LA MEMORIA DE PETRARCA.

Ah! Mas, então, aquêle orgulhoso doge, que se portara com tão inúcita arrogância na festa do soberano francês, tinha alma para entender e amar Petrarca? Só um grande espírito cultua a memória de um grande poeta! Se assim era... bem podia ser muito menos feio do que eu pensava. E, dentre as mais agradáveis recordações da Itália, trouxe a certeza de me haver reconciliado com o doge de Veneza...

Não, sai se cabe aqui aplicar el cuento...

É que acabo de receber o livro de Mario Portugal Fernandes Pinheiro, **Cônego Fernandes Pinheiro (Vida e Obra)**, prefaciado por Afrânio Coutinho, que lhe exalta "a inteligência viva" e "o ardor polêmico", para concluir: "São notáveis as qualidades que revela de pesquisar e dialeta, alinhando documentos e argumentos com real mestria e propriedade".

Seus primeiros trabalhos a respeito do autor dos **Estudos Históricos**, tornaram-no conhecido pela energia com que desmascarou "ídolos caducos e líderes improvisados". Agora, porém, evitando o tom polêmico dessas primeiras publicações, embora, por vêzes, necessário, se insurge contra as referências injustas e o deliberado silêncio daqueles que, sem citar a fonte de origem, têm buscar ensinamentos nas obras do Cônego Fernandes Pinheiro. Argumenta e persuade, de forma brilhante e convincente, que o seu erudito antepassado "deu expressivas provas de amor à pesquisa e demonstrou que sabia, com segurança, orientar o estudo crítico do passado." Estudando, assim, dentro dêste critério, o homem, o dídata, o poeta e o historiador, através de honestas investigações e provas irrefutáveis, chega à fácil conclusão de que cabe, sem favor, ao Cônego Fernandes Pinheiro os cobiçados títulos de fundador da nossa historiografia literária e de pioneiro da crítica no Brasil.

Acredito, portanto, que colocando sempre o espiritual acima das conveniências materiais, presoluto e sincero, possa de futuro ser lembrado como o reabilitador da memória do antigo catedrático de Retórica e Poética do Colégio de Pedro II, ficando, destarte, pago pelo relevante serviço prestado às nossas letras históricas e redimido do ardor polêmico com que se atirou, de início, contra aqueles que se atreveram a apoucar os méritos do Cônego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

De Mario Portugal Fernandes Pinheiro bem se poderá dizer, parafraseando o doge de Veneza do presente relato, como se efetivamente fôra êste o seu maior galardão: REABILITOU A MEMÓRIA DO CONEGO FERNANDES PINEIRO.

"List of Books. Columbus Library, Washington, UU. SS. Órgão da União Pan-Americana, dedicada às bibliotecas.
" O Lince", Juiz de Fora, vários números. Fundador e Diretor, até há pouco: Jesús de Oliveira, Inesquecível Mestre da Pena e do Caráter. Diretor atual: Adail de Oliveira. Revista tradicional daquela prospera cidade mineira. Farto e interessante material de índole social, histórica, literária, artística, publicitária e recreativa.

—o— —o—

"**Letras da Província**", Limeira, vários números. Diretor: Prof. João de Souza Ferraz.
Uma das poucas publicações de intercâmbio com a América Hispânica. Difusão cultural, páginas de crítica literária, filosofia, psicologia, etc.
Já nos referimos ao seu eminente fundador, diretor e organizador.

"**O Castanheiren**" Castanheira, Portugal. Diretor: Ilídio José Coelho. Literatura, vida social, pedagogia, civismo, tudo em ponto grande.

—o— —o—

"**O Professor**", Orgão do Centro do Professorado Paulista, S. Paulo. Editor Chefe: Sólon Borges dos Reis. Ativo e bem conduzido veículo das reivindicações e interêsses legítimos da classe.

"**O Filósofo**", órgão do Diretório Acadêmico Dr. Joaquim de Paula Xavier, da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa. Diretor: Adail Lemos Inglês.
Bonita iniciativa da mocidade estudiosa, através da qual, como se percebe, em rápida leitura, o interêsse pela cultura e saber não sofre solução de continuidade, de geração a geração.

—o—

"**O Tibagi**", órgão de Telêmaco Borba (Monte Alegre), com importantes secções e notícias, ao serviço da próspera comunidade paranaense.
É seu editor e Diretor o Dr. Horácio Klabin.

—X— —X— —X—

"**Tribuna dos Municípios**", periódico de Irati. Diretor: Plínio A. S. Lopes. Outro conceituado porta-voz dos legítimos interêsses da coletividade e dos sadios princípios da cultura brasileira.

—o— —o— —o—

"**Meu Brasil**", Londrina. Diretor: Oliveira Junior. Diretor Associado: Antonio Vilela de Magalhães. Muita brasilidade e muito otimismo justificado, em suas simpáticas páginas.

"**Diário da Manhã**," Passo Fundo. Diretor: Túlio Fontoura. Secções variadas, sobressaindo-se a literária, a cargo do nosso brilhante confrade Pro. Sabino Santos.

Sublime síntese

(Conhecer para saber refletir e alcançar a união com a Divindade)

Eu sinto na minha alma ardor intenso.
ao lançar-se na busca da Verdade,
e compreendo o martírio, o horror imenso
que Jesus suportou na Humanidade!

Tudo é confuso neste mundo — e denso
o véu que nos encobre a realidade,
enquanto o pensamento for propenso
à estulta pretensão da vaidade.

Entretanto, é simplíssimo o problema!
"Ser ou não ser" — eis o fatal dilema...
Resolvê-lo consiste apenas nisto:

Nunca deixar de lado Jesus Cristo,
buscar saber — pais filosofar
e tudo resumir no verbo — AMAR.

Arnaldo S. Thiago

O Sonho Lindo

Nathan Serejo.

Sonhei, cansado, em tarda caminhada
A mansão de teus pais indo bater,
Que vinhas logo, trêfega, rosada,
Entre um sorriso, dar-me de beber.

No sonho lindo, eu te chamei de fada,
"Pobre" disseste, vendo-me tremer.
Etua imagem, docemente amada,
Eu inda via em pleno alvorecer

Depois, partí feliz, no meu destino,
E ao volo meu que fiz-te, com fervor
Tu me implorovas: volta peregrino.

E enfim, desperto, na manhã formosa,
Vi-te à capela caminhando, ó flor,
Para ir rezar à virgem poderosa.

Mais Noticias

Gilberto Freyre, o Mestre da Sociologia e da Antropologia, esteve em Ponta Grossa, acompanhado da Exma. Espôsa. Diversos intelectuais e pessoas representativas da sociedade local compareceram ao cordial almoço, que lhe foi oferecido pelo Exmo. Sr. Gal. Darcy Lázaro, comandante da 1. D. 5.a. O eminente brasileiro causou a melhor das impressões.

— — — —

A Reitoria da Universidade de Ponta Grossa foi, finalmente, instalada, havendo tomado posse o Dr. Álvaro Augusto Cunha Rocha, uma das mais brilhantes expressões da intelectualidade princesina. No cargo de Vice-Reitor, está o Prof. Odeni Villaça Mongruel, talentoso colega de magistério e administrador de larga visão. Atualmente, as diversas Faculdades são dirigidas pelos seguintes confrades euclidianos: Prof. José Pedro C. Oliveira, Faculdade de Filosofia; Prof. Fernando Machuca, Escola de Farmácia e Bio-Química; Prof. Brasil Borba, Faculdade de Direito; Prof. Osmário Pimentel, Faculdade de Odontologia; e Edilson J. Teixeira Biscaia, Faculdade de Ciências Econômicas. Ponta Grossa vive, de fato, seus maiores dias, no setor do ensino Superior.

— — — —

A Academia Paranaense de Letras, exemplarmente dirigida pelo Dr. Vasco José Taborda Ribas, aquêle incansável Vasco que todos admiramos e prestigiamos, deu posse, nestes últimos tempos, a figura de prol nos círculos culturais paranaenses. Primeiramente, o dr. Elias Karam, que foi recebido pelo acadêmico Heitor Stocker de França, lúcido cronista e poeta, tendo coincidido, a referida recepção, com a tomada de posse da Nova Diretoria, integrada por Vasco, **Oswaldo Pilotto**, Leonardo Henke, Heitor Stocker, Arildo Albuquerque, Paris Michaele, Oscar Martins Gomes, Raul Rodrigues Gomes, o mestre sempre dinâmico, Valfrido Piloto, Sá Barreto e outros prezados colegas de academia. Em seguida, foi recepcionado o conhecido poeta e romancista, sr. Francisco Pereira da Silva, que foi saudado pelo dr. Arildo Albuquerque.

Que assim sempre prossiga a colenda Entidade Máxima das Létras, no Estado do Paraná.

— — — —

A União Brasileira dos Trovadores já tem núcleo, também, entre nós. Dirige-o o inexcedível entusiasta da trova, Sr. Deodoro Alves Quintiliano. Ainda há poucos dias, realizou essa entidade, um Concurso de trovas para os estudantes dos ciclos ginasial e colegial, tendo havido patrocínio da Fundepar, que ofereceu medalhas de ouro aos vencedores, por intermédio do Prof. Borel du Vernay.

— — — —

O Instituto Histórico, Geográfico do Paraná, veterana entidade que tanto tem feito pelo melhor conhecimento do nosso Estado e seus filhos, reelegeu, acertadamente, o Dr. Newton Carneiro para o cargo de Presidente. O insigne educador, jurista, historiador e geógrafo e dos espíritos mais esclarecidos e independentes que conhecemos. Por isso, muito há êle ainda fazer, à frente do Instituto. Concomitantemente, foram recebidos vários novos Membros, efetivos e correspondentes, entre os quais, imerecida e modestamente, figura o Diretor dêste jornal. Jornais, revistas, monografias, documentos, palestras e conferências são algumas das iniciativas do prestigioso Instituto.

— — — —

O Departamento de Létras da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa vai, êste ano, desenvolver um plano de estudos e pesquisas dos mais significativos. Assim é que, alunos e professôres, em diversas equipes, promoverão o levantamento geral dialetológico dos Campos Gerais, especialmente do Município de Ponta Grossa. Além disso, haverá cursos de tupi antigo, influência indígena, efetiva e ininterrupta, verificações **in loco**, aproximações inter-grupais lingüísticas (camito-semítico e indo-europeu), etc.

Por outro lado, o Dia do Índio terá comemoração inédita, pois serão exibidos retratos dos brasileiros ilustres de sangue indígena, assim como se falará em astronomia, anatomia, zoologia, botânica, trovas e provérbios e outras coisas mais que sempre se houve por bem silenciar, neste Brasil democrático.

— — — —

Uma notícia muito nos entristeceu: a morte do Prof. Herbert Baldus, ocorrida em São Paulo. O inconfudível Mestre da Antropologia foi figura incomparável, entre nós, pois, graças ao seu preparo, discernimento, espírito de pesquisa e ausência de preconceito, os brasileiros aprenderam a despir-se do seu etnocentrismo afro-lusitano, para encarar com mais realismo e superioridade de vistas o Brasil Interior, chelo daquela herança indígena ou cabocla, que reputamos providencial.

Seus livros foram muitos: "Ensaios de Etnologia Brasileira", "Dicionário de Antropologia", "Os Tapirapé", etc.

Nossas sentidas homenagens à memória daquêle alemão que sabia ser muito brasileiro.

— — — —

A Faculdade de Direito de Ponta Grossa, sob a direção do distinto e empreendedor Dr. Brasil Borba, euclidiano dos primeiros dias, comemorou mais um aniversário de Fundação. Durante os longos meses da programação, foram realizadas as seguintes palestras e conferências: Dr. Túlio Vargas, As Novas tendências do Direito Internacional; Prof. Ubiratam Borges de Macedo, História do Direito Natural; Prof. Hamil Adum, A Crise Jurídica na Cultura Moderna; Prof. Ademaro da Silva Barreiros, As Leis e a Economia Política; Dr. David Carneiro, A Situação do Estudo Superior no Brasil. Houve, também, missa in Memoriam dos **Profs. Ary Ayres de Mello e Manoel Antonio Braga Ramos**. Anteriormente fizeram uso da palavra os Profs. José Wanderley Dias, Paulo José da Costa Filho, Samuel Guimarães da Costa, Ermani Simas Alves e Gal. José Campos de Aragão, DD. Comandante da 5.a Região Militar.

Nossas congratulações ao ilustre e compreensivo colega Brasil.

À MEMÓRIA DO

Prof. Bruno Enei

"Io ti farò vedere ogni valore"
(DANTE — Parad. XXVI, 42)

Mestre, já estás dormindo? Não é noite ainda!
É o princípio da tarde...
Tu dormes! Mas não sabes como a tarde é linda?
A casta união da terra e um sol que já não arde!

Dormes! É cêdo. O sol bilha no espaço
Com intenso fulgôr
O som e a luz da vida, em fraternal abraço,
Cantam hinos de amor!
Por que dormir agora, se a flor ainda existe?
Inda vem longe o inverno!
Será acaso tão doce êsse leito tão triste
Do repouso eterno?
Acorda, Mestre, acorda! Vêm ouvir o canto
Dos melgos rouxinóis!
Vem, que o espaço delira, embebido no encanto
De cem milhões de sóis!
Vem, que o ardor das fogueiras dêstes jovens peitos
Necessita de ti.
Onde está teu sorriso? Onde estão teus trejeitos?
Vem, desperta, sorri!
Ó Mestre, acorda logo, as nove musas choram
A tua fôrça perdida...
Como, se tanto a amaste (as dúvidas devoram),
Falta-te agora a vida?
Chora a arte e o saber, chora a ternura e a graça,
Chora o universo todo.
Oh, reacende o fulgir dessa pupila baça,
Não durmas dêsse modo!
Tão calada essa bôca, e essas mãos tão frias!
Tão gelado êsse olhar!
Mestre, tudo reconde a infindas alegrias!
Por que não despertar?
Em vão! Não ouves mais! No entanto a vida é bela,
E tu próprio o dizias!
Agora és só uma grande e imorredoura estrêla,
Que, do espaço, nos guias!
Não despertas! Que importa não ouvirmos mais
O som da tua voz?
Vives no teu clarão, nos teus altos ideais,
Porque vives em nós!
Descansa, Mestre, em paz: findou-se a tua jornada
No mundo, mas da Glória imensa e verdadeira,
Eternamente vivo, iluminas a estrada
Da juventude inteira!

(Sérgio Monteiro Zan)

Ponta Grossa, 11 de janeiro de 1967

Trovas de Eno Theodoro Wanke

Traducidas por HECTOR STRAZZARINO
(Uruguaio)

1 — Traducidas en prosa

— ? Por qué el Doctor tiene una sepiente en el distintivo?
— Pues la razon es clara: ya sane el cliente o se muera, él siempre... cobra!

— — — — — — — —

—? Si la pollera es bonita?... !Te burlas de tu pobre marido, mi bien!...
! Cómo voy a juzgarte la ropa, si quedas tan linda sin ella!

— — — — — — — —

2 — Traducidas en verso

Tan leve, tan dulce pisas,
que pienso, viendote andar
en las hojas que la suave brisa
agita bajo la luz lunar...

Este sol lleno de gloria,
este sol tan camarada,
es comparable a la risa
matinal de la enamorada.

?Me niegas un beso? !Malvada!
?No sabes, entonces, delicia,
que nada en el mundo, nada
supera a tu caricia?...

NOTA: — O insigne poeta uruguaio traduziu as trovas acima das publicadas pelo "Tapejara" em Junho de 1956. Damos a seguir as trovas originais em português para que o leitor compare:

— — — — — — — —

TROVAS DE ENO THEODORO WANKE

Por que o doutor tem serpente
no distintivo? Ora, sobra
razão: Quer morra o cliente
ou sare, êle sempre... cobra!

Se a sala é bonita?... Pouca
teu nobre marido, bem!
Como vou julgar-te a roupa
se ficas tão linda sem?

Tão leve, tão doce pisas,
que eu penso, te vendo andar
nas folhas que a suave brisa
agita sob o luar

Este sol cheio de glórias,
êste sol, tão camarada,
é comparável ao riso
matinal da namorada!

Negar-me um beijo? Malvada!
não sabes, então, delícia,
que nada no mundo, nada
supera tua caricia? ...

TROVAS

DEODORO QUINTILIANO
do "CENTRO CULTURAL EUCLYDES DA CUNHA
e da "UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES"

As lágrimas dos olhos maternais,
se emanam dum sublime manancial,
famoso, quase sobrenatural,
de encantos e atrativos divinais!

Tal manancial, tão nobre e tão genial,
de emanações tão cheias de beleza,
foi Deus que, pelas mãos da natureza,
o fêz, assim, de fórma magistral!

Essa fonte é o materno coração,
de onde as lágrimas vêm em profusão,
movidas por amor incomparável;

Amor de Mãe, por certo, o mais notável!
Da Mãe que na alegria ou na aflição,
seus olhos sempre choram de emoção

«TAPEJARA»

(Independente e Apolítico).

Órgão do Centro Cultural "Euclides da Cunha".
Diretor: Faris Antonio S. Michaele.
Secretário: Gilson Monteiro Cordeiro.
Redatores: João Alves Pereira; Rolando Guzzoni; Alvaro Cunha Rocha; Ribas Silveira; Lourival Santos Lima; Guaraci Paraná Vieira; Borel du Vernay; P. Pereira Martins; Luiz Noviski; Fancisco Souto Neto; Edgar Weiter; Antonio Joaquim Dantas; Djalma Almeida Cesar; Adail Ingiés; João Marenda e Nelson Saldanha de Oliveira.

Endereço: "Tapejara" — Caixa Postal, 337, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

Ao Doutor Raul Rodrigues Gomes

Ao Doutor Raul Rodrigues Gomes (Palavras proferidas pelo Professor F. Michaele por ocasião da visita que o insigne Mestre Raul Rodrigues Gomes fêz à Faculd. de Filosofia de P. Grossa, onde proferiu palestra sôbre Rui Barbosa.

A visita que ora recebemos se reveste de sentido de todo especial.

E que, além de nos proporcionar o feliz ensejo de ouvirmos a palavra autorizada de um paladino da cultura, no que esta expressão tem de mais universal e vivificante, traz-nos, também, a certeza de estarmos assistindo a um autêntico congraçamento de orientações, tendências e manifestações varias do processo espiritual humano, sob a inspiração suprema do desejo de perpetuação ou sobrevivência dos elementos axiológicos que consideramos fundamentais. Precisamente, daqueles elementos que, sem se particularizarem ou desintegrarem num pouco valores-padrões ou numa tantos aspectos da realidade cultural, gozam, no entanto, do privilégio de transparecerem ou, ao menos, denunciarem, nitidamente a sua presença nos mais diversificados momentos da nossa atua ção individual ou coletiva.

Referimo-nos ao legado das criações; aquela pletora de obtenções e experiências que resistem ao crivo ou peneiramento crítico dos embates e pressões sócio-culturais ou políticohistóricas; enfim, ao cerne inconfundível que é a própria razão de ser dos acompanamentos humanos, em busca da sua realização, como acontecimento ou revelação original, de imprevistível alcance.

Deste modo, nada mais natural que essa convergência de atenções e interêsses, de sentimentos e afinidades, ante a incertezas, a insegurança ou o prenúncio de iniludível aniquilamento

Nada mais natural que essa prova de solidariedade, unicidade de vistas ou reações, ou, ao menos, expressão de reconhecimento de comum responsabilidade, ante a gravidade da investida que se tenha intentado contra o comum patrimônio tradicional de qualquer dêsses agrupamentos da nossa espécie.

E por assim ponderarmos sôbre a transcedência de semelhante assunto, que agora nos permitimos a liberdade de pôr em relêvo a importância do comentimento do Exmo Snr. Prof. Dr. Raul Rodrigues Gomes, em relação à figura de RUI BARBOSA, inseparável das nossas melhores representações como povo e dos nossos melhores anseios como destino que se concretiza, livre e originalmente.

Aquêle Rui Barbosa, como Tiradentes, José Bonifácio, D. Pedro II e Floriano, agora vítima de negativismo organizado e do mais sórdido sensacionalismo da ilustre fauna contemporânea, no dizer de Jarnés.

Seja-nos, pois, permitido dizer algumas palavras em relação ao insigne Mestre que nos visita, conquanto, em boa verdade, não representem, mais que sincera homenagem ao seu produtivo e generoso espírito, que muito em seu louvor se há dito.

Sim, porque, dos homens de létras do Paraná, ninguém tão onipresente nas múltiplas atividades do intelecto, como ninguém tão identificado com o seu querido torrão.

Como quer que lhe analisemos a incansável atuação, neste mais de meio século ao serviço do mais sadio paranismo, sempre é certo o encontrarmos à testa de novos movimentos e novas realizações em prol do bem-estar coletivo, com espontâneo e integral desprendimento.

Professor, jornalista, romancista, contista, jurista, ensaísta, sociólogo, economista, político ou editor de albuns obras, a sua dedicação e otimismo têm o condão de entusiasmar os mais céticos e indiferentes, tal o poder de persuasão e pureza que irradiam.

De nossa experiência pessoal, apenas relembraremos o primeiro contato, há bem uns trinta anos, no antigo Teatro Guaíra, da Capital do Estado, quando o Dr. Raul proferia conferência sôbre Goethe, o gênio ímpar da concepção fáustica do que somos e desenvolvemos. O conferencista com tal firmeza e calor humanístico se houve, que ainda hoje lhe estamos ouvindo as passagens mais incisivas.

De outra feita, quando da publicação de "Tapejara", é-lo nos recepcina com o estímulo do mestre, cujo coração não sói discriminar, mesmo nas mais imprevistas conjunturas. "Entrou pela porta a dentro como raio de fantástica luz", disse êle em sua carta.

E assim tem sido, ininterruptamente encorajando, aconselhando, promovendo, defendendo, premiando, doando e vivendo uma vida exemplar, qualquer o prisma por que a encaremos.

De seu ágil, lúcido e irrequieto espírito, incessantemente têm brotado obras magistrais, qual a qual mais oportuna e interessante:

Instrução Pública no Paraná.
Ação e Civismo.
O desespêro de Cam.
Prática de Redação.
Vida Universitária
Missão e não Profissão.
Sugestões para uma História literária do Paraná.
Economia Mundial e o Descobrimento do Caminho das Indias.
Um Mestre do Jornalismo.
Emiliano Perneta, esfas e multissimas outras composições de escol atestam sobejamente a fertilidade e continuidade de uma vida espiritual que pede meças às dos mais conceituados da cultura brasileira de todos os tempos.

Esta, a estatura moral e intelectual do conferencista desta tarde que, em seguida, irá dirigir-vos a palavra.

—

O Prof. Djacir Menezes, autor de tantas obras fundamentais, referentes à sociologia, ao direito, à história, à literatura e outras muitas secções do conhecimento, foi nomeado para o Cargo de Reitor da Universidade da Guanabara. Esse notável acontecimento repercutiu, de maneira assaz favorável, no cenário da cultura nacional. De nossa parte, já nos manifestamos por telegrama, gesto que aqui repetimos, externando-lhe a nossa grande satisfação.

— — —

O Instituto Nacional do Livro tem nova Diretora: a Prof. Maria Alice Barroso. O exemplar órgão, de difusão de obras e idéias, em boa hora fundado pelo Govêrno Federal, continúa, assim, a sua nobilitante tarefa, de tornar acessível o livro, conhecidos os bons trabalhos e bem providas de material literário e cultural as bibliotecas em geral.

Nossos parabéns a Da. Maria Alice, com novas expressões de gratidão pelo que temos recebido.

— — —

Ponta Grossa comemora, também, a sua Semana Euclidiana, dedicada ao imortal patrono do nosso centro. Assim é que, além das edições de "Tapejara", que agora voltarão a circular, e das sessões celebradas na respectiva sede social, temos ainda palestras radiofônicas e concursos de trovas e trabalhos biográficos, conforme noticiamos noutro local.

Em 1969 e 1970 ocuparam o microfone da P.R.J.-2 os euclidianos Deodoro Quintiliano, J. R. Borel do Vernay, Francisco Souto Netto, Lauro Justus, Faris A. Michaele, Gilson Monteiro Cordeiro, Thiago Gomes de Oliveira, Guaracy Paraná Vieira e Adail Inglês.

O nosso Dietor escreveu um sonêto em inglês, especialmente para comemorar mais um aniversário da morte de Euclides.

— — —

Outra noticia que nos encheu de Júbilo: Mestre Câmara Cascudo obteve um prêmio cultural, que é uma verdadeira consagração de uma vida dedicada exclusivamente ao saber e à dignificação do homem. Mas, além do referido prêmio da Academia Brasileira e de outros prêmios, homenagens e condecorações, o insigne brasileiro recebeu, há algum tempo, da Universidade do Rio Grande do Norte, uma série de demonstrações de aprêço e admiração, que durandam várias semanas. Autor de mais de cem trabalhos magistrais, referentes ao folclore, ao direito, à história, à literatura, à sociologia, à filologia e muitas especialidades mais, ninguém mais do que êle faz jús a semelhante prêmio de cordialidade e brasilidade.

— — —

O Museu Paranaense, dirigido pelo competente e pertinaz Prof. Oldemar Blasi está de parabéns. Vai para a nova sede dentro de pouco tempo. É o belo edifício, onde funcionou a Municipalidade de Curitiba e que está passando por substanciais reformas. Assim, a ilustre equipe de cientistas que o compõe estará mais à vontade para pesquisar, classificar, promover intercâmio e patrocinar a publicação de monografias, revistas, etc

Ao Prof. Blasi e dignos companheiros, o nosso sincero abraço de euclidianos e amantes das coisas do Paraná.

— — —

Os Professôres de P. Grossa **tem**, agora, a sua Associação de classe. Fundada pelo preclaro mestre Pedro Pereira Martins e continuada por Da. Doroty de Sousa Rocha e, mais tarde, pelo conhecido professor e advogado, Dr. Wilson Commel, está, hoje, sendo presidida pelo Prof. Egdar Zanoni, dedicado companheiro de redação de "Tapejara". Aqui, cumpre homenagearmos, de modo especial, a profa. Doroty, coadjuvada pelas professôras Amélia O. Michaele e Jone Badre, por se tratar, então de eficientíssima atuação feminina, coisa ainda inédita entre nós.

Nossos votos de feliz desincumbência de tão relevante missão, colega Egdar!

—

O Prof. Joselfredo Cercal de Oliveira, Diretor da Faculdade de Filosofia e nosso inseparável e valoroso companheiro de euclidianismo, irá a Portugal, através de uma Bôlsa de Estudos, para fazer um Curso de 3 meses, referente à História de Portugal. Lá, o Prof. Joselfredo será nosso elemento de ligação com os euclidianos lá residentes...

Feliz e proveitosa estada é o que lhe desejamos, de coração.

—

O conceituado e lúcido editor e escritor, Snr. Said M. El- Khatib, Diretor proprietário da **EDIMPAR**, acaba de lançar mais uma obra de grande repercussão: **"A FAMILIA, Problemas e Perspectivas"**, coordenada por João Mezomo e Faisal El Khatib. Assim, vai, aos poucos, o dinâmico amigo e confrade, caminhando para a exemplar casa Editôra que o sul do Brasil merece ter, ao lado da Edit. do Globo, de Pôrto Alegre.

—

O Doutor Temistocles Linhares, brilhante critico e polígrafo paranaense, dedicou, igualmente, boa parte da sua vida ao magistério superior, onde sempre pontificou, pela inevjável cultura, incontestável talento e constante demonstração de bom senso e independência. Não admira, pois, que, dessas magníficas preleções e incessante atuação na imprensa do país, resultasse uma numerosa e substanciosa bibliografia, que lhe tem projetado o nome além-fronteiras. Uma prova do que afirmamos é a sua estada em Portugal, por dois anos, a superintender a Cadeira de Literatura Brasileira. São da autoria do Dr Temistocles os seguintes livros: "Introdução ao Mundo do Romance", "Paraná Vivo", "Extensão do Direito Internacional Privado", "Gêneros Poéticos", Eça de Queiroz, um Caso de Ressentimento", "Conferências" e, agora, "História Econômica do Male, que é a mais importante contribuição ao assunto. Nosotro local estaremos apreciando, devidamente, o livro do eminente homem de **letras**.

—

O Concurso Nacional de Contos, instituído pelo Govêrno do Paraná, através da Fundepar, já se tornou um certame tradicional, em todo o território brasileiro. Inúmeros contistas nele se inscrevem, sendo os premios de milhares de cruzeiros novos. As Comissões Julgadoras apresentam apreciável gabarito, sendo constituidas de críticos literários e professôres dos principais centros do país.

—

O Prof. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho é, sem nenhum favor, uma das mais ágeis cerebrações do Brasil atual. Como quer que lhe apreciemos a atuação, sempre é certo estarmos diante de invulgar Intelectualidade, cujas obras não deixam dúvida alguma, quanto à originalidade, caráter de perpetuidade e profundo sentido humano. É que o ilustre paranaense, desde cedo, se acostumou ao trato dignificante dos livros, ao mesmo tempo que ingressava na vida pública e prosseguia no exercício do magistério, que, em boa verdade, lhe forneceu inegável pretêxto para inúmeros livros e monografias de fundo jurídico e literário.

Oliveira Franco Sobrinho representou o Brasil em muitos países, representou o Paraná no Congresso Nacional e representou, também, a inteligência e a independência da sua geração em mais de um embate internacional. Daí que seja conhecido e respeitado, em mais de um círculo intelectual do Brasil e do Estrangeiro.

Mas, vamos às obras: "Concessão de Serviços Públicos", "Do Conceito de Contrato Administrativo", "Autarquias Administrativas", "Os Serviços de Utilidade Pública", "Organização e Sistema do Processo Administrativo", "Afirmações na Prática do Direito Internacional," "Reflexos sôbre o Direito Internacional Público", "Município e Municipalização", "Ensaio Sôbre o Direito Internacional do Estado", "História Breve do Constitucionalismo no Brasil", "A Fundação Pública na Fisiologia Jurídica e Social, etc

Noutro local, fazemos breve apreciação de seu último livro.

Ao Prof. Oliveira Franco Sobrinho, nossas expressões de amizade e admiração.

— — —

A Academia Brasileira de Filosofia, com sede no Rio de Janeiro, reúne efetivamente as figuras mais representativas dos estudos lingüísticos em geral. Aí estão sempre presentes Mestres Antenor Nascente e dignos pares, como o Profs. Artur de Almeida Tôrres, Cândido Jucá Filho, Júlio Nogueira, Perissé Duarte e tantos outros, que muito enobrecem a cultura nacional.

Pois, numa dessas doutas sessões, foi generosamente proposto o nome de nosso Diretor para Sócio Correspondente da mesma. Na cidade de Ponta Grossa, interior do Paraná.

Aos nobres paladinos da boa linguagem e das boas normas de estudo, o nosso sincero reconhecimento, com votos de sempre maiores triunfos.

— — —

O Centro Cultural Brasil-Estados Unidos (Interamericano), de Ponta Grossa, é a entidade cultural mais antiga da cidade. Fundada em 1944, foi graças à sua permanente atividade que se tornou possível o aparecimento de outras associações, centros, institutos; grêmios e, mesmo estabelecimentos de Ensino Superior. Tal não pode sofrer contestação, porque foram os intelectuais unidos que fundaram o Centro Cultural Euclides da Cunha e Museu Campos Gerais, "Tapejara", as primeiras bibliotecas, etc, o que tornou muito mais viável a criação da primeira escola superior do Interior do Estado: a Faculdade de Filosofia, seguida das demais.